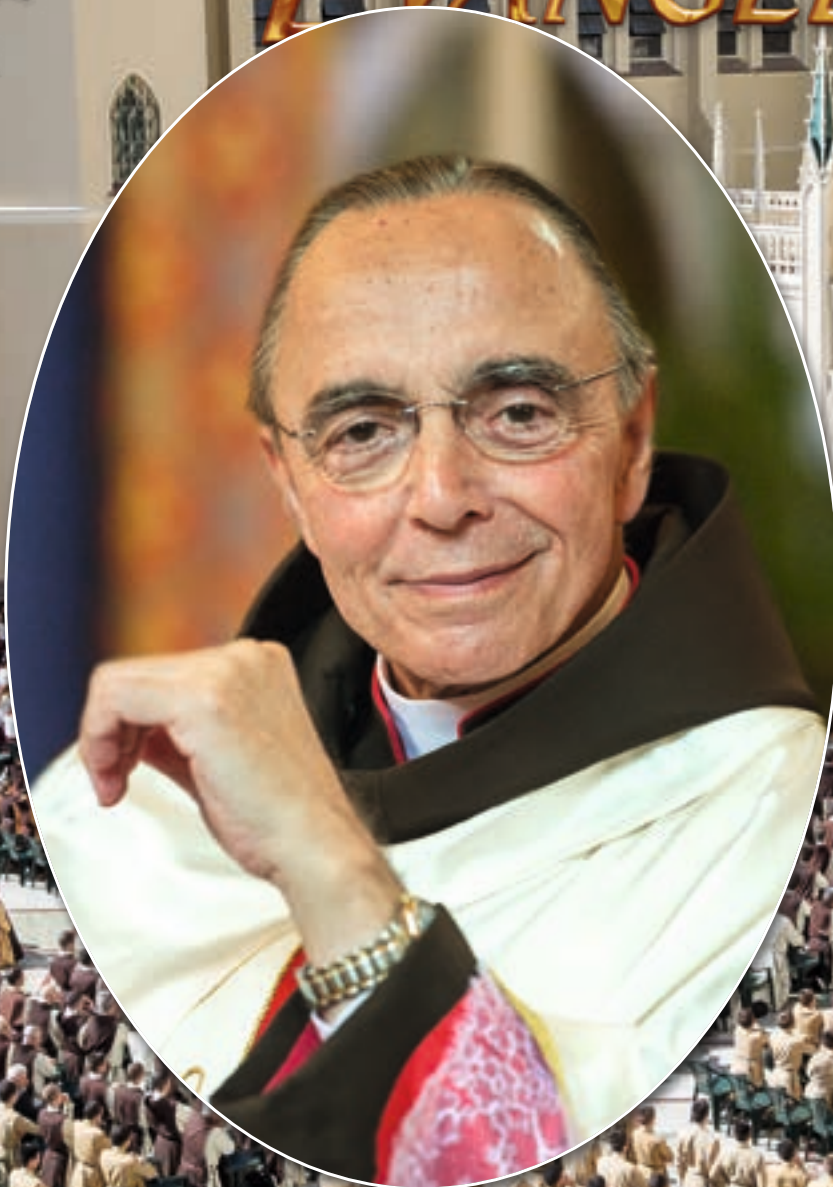


# ARAUTOS DO EVANGELHO



Número 195  
Agosto 2019



*Pai de milhares de filhos*

*Flashes*  
de Fátima



Diretor: Manuel de Abreu / Periodicidade mensal / Assinatura: 24€

## ***Um só, indivisível e inseparável espírito***

**A** baronesa [Joana de Chantal] entrara de cheio na vida de Francisco [de Sales]. Sua imagem lhe estava presente, seja quando rezava, seja quando percorria sua diocese. Uma vez em Thonon, ele lhe confessou que se encontrava “mais na Borgonha do que aqui”. [...]

Certa feita, ao celebrar a Missa matinal, pareceu-lhe estar erguendo-a em seus braços; ao ouvir cantar “se alguém comer deste pão, viverá eternamente”, rezava por ela, que talvez naquele momento estivesse comungando. Sentia-se de tal forma unido à sua correspondente que fez desaparecer de sua língua todas as palavras que indicassem qualquer distinção. Chegava a falar de “nosso coração”, que ele via e percebia como “sendo único”. Só “Aquele que é Unidade por essência” pôde “fundir tão perfeitamente dois espíritos, de tal forma que já não eram senão um só espírito, indivisível, inseparável”.

O tom de sua correspondência corria às vezes o risco de causar surpresa. Por exemplo, os afetuosos boas-noites que ele lhe desejava: “Boa noite, minha queridíssima filha, mas boa noite um milhão de vezes. Conservai-vos assim, sempre doce, e tomai o repouso requerido pelo nosso corpo”. “Boa noite, pois, à querida madre do meu coração, e boa noite ao querido coração de minha pobre madre. Dormi docemente sob a fresca sombra do querido Colombeau, e que seja para sempre nossa paz e proteção”. Só um infame seria capaz de pôr malícia nisso!



Santa Joana de Chantal - Vitral da Catedral de Saint-Gatien, Tours (França)

Transcrito de: CHAMPAGNE, René.  
*Francisco de Sales, a paixão pelo outro.*  
São Paulo: Paulinas, 2003, p.107-108



# Flashes de Fátima

Boletim da Campanha  
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano XXI nº 195 - Agosto 2019

## Director:

Manuel Silvío de Abreu Almeida

## Conselho de redacção:

Ir. Guy Gabriel de Ridder, EP;  
Ir. Juliane Vasconcelos A. Campos, EP;  
Severiano Antonio de Oliveira

## Proprietário e Editor:

Associação dos Custódios de Maria  
NIPC: 501141812

## Sede do Editor:

Av. de Berna 30, 2º E  
1050-042 Lisboa  
I.C.S./D.R. nº 120.975  
Dep. Legal nº 112719/97  
Periodicidade mensal

Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

[www.arautos.pt](http://www.arautos.pt) / [www.arautos.org](http://www.arautos.org)  
E-mail: [pedidos@custodiosdemaria.pt](mailto:pedidos@custodiosdemaria.pt)

Estatuto Editorial disponível em  
<http://custodiosdemaria.pt/flashedefatima/estatuto.pdf>

Assinatura anual: 24 euros

## Impressão e acabamento:

Multiponto, S.A.  
Rua de D. João IV 691/700  
4000-299 - Porto

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redacção. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da



Associação de Imprensa de  
Inspiração Cristã

Tiragem: 30.000 exemplares

# SUMÁRIO

Escrevem os leitores .....	4		O mais sublime convívio com Cristo Redentor	34
Pai de muitas almas e Sinai de uma graça (Editorial) .....	5			
	A voz dos Papas – Eucaristia e vida interior		Santa Clara se faz religiosa	37
	Comentário ao Evangelho – Igual a Maria, mais ninguém		Arautos no mundo	40
	Unidos num mesmo pai		Aconteceu na Igreja e no mundo	43
	As alegrias de Nossa Senhora na Assunção		História para crianças... O poder do perdão	46
	Santo Estêvão da Hungria – Cumpriu sua vocação nos braços de Maria		Os Santos de cada dia	48
	Como conquistar almas para Deus?		Um palácio nascido no lodaçal	50

# ESCREVEM OS LEITORES



## BELEZA: UMA DAS PEDRAS ANGULARES DO CATOLICISMO

Sinto-me muito afortunado por haver recebido hoje em minha residência as Irmãs Cecília e Angelis. É uma verdadeira bênção que elas tenham vindo visitar minha Paróquia de São Bartolomeu.

Recebo a Revista já há vários anos e não só gosto de ler os interessantes artigos, que a meu ver salvaguardam nossa Fé Católica, como também aprecio que isto seja feito de maneira artística e muito bonita. Considero a beleza uma das pedras angulares do Catolicismo. E sou grato por haver homens e mulheres dispostos a dar a vida para preservar a bela tradição de nossa Fé. Dou graças a Deus por isso!

Juíz Roger Daley  
East Brunswick (NJ) –  
Estados Unidos

## PRESENÇA DE BENTO XVI NA PESSOA DO CARDEAL MÜLLER

Dou especial atenção à revista *Arautos do Evangelho* e é com entusiasmo que a retiro da caixa dos correios para ver e apreciar os artigos que traz. Trata-se de uma extraordinária catequese!

Guardo separadamente muitos dos exemplares, pois considero seus artigos especialíssimos, e cito alguns: na edição de novembro de 2018, *Abandono: virtude das virtudes, requinte da caridade*; na de fevereiro de 2019, *Uma imagem feita pelos Anjos*, no qual Nossa Senhora do Bom Sucesso fala de seu poder de aplacar a justiça divina e alcançar o perdão para todo pecador que recorra a Ela com o coração contrito; e finalmente, na de junho úl-

timo, *Cardeal Müller visita os Arautos*. Fiquei comovido por ver a gratidão repleta de admiração dos Arautos pela visita de Sua Eminência e pela presença espiritual de Bento XVI, na pessoa do Cardeal.

Rosely Cossich  
Maringá – Brasil

## UM PEQUENO TESOURO NO MUNDO DE HOJE

Mês a mês leio com alegria e entusiasmo a revista *Arautos do Evangelho* e, antes de tudo, gostaria de felicitá-los e agradecer por tão bela publicação. Seu conteúdo e suas ilustrações são muito edificantes e consoladores para a alma. No mundo de hoje, é como encontrar um pequeno tesouro que nos ajuda a cultivar a vida espiritual e elevar a mente e o coração, a fim de contemplarmos as virtudes católicas e nos instruímos a respeito delas.

Gosto muito de todos os artigos, mas especialmente da seção *Comentário ao Evangelho*, de Mons. João Scognamiglio Clá Dias, pois, além de dar uma explicação impecável do Evangelho, nos brinda com conselhos práticos para nosso dia a dia. Lembro-me muito bem de um deles, que nos exorta a estar sempre vigilantes e em oração, para assim nos afastarmos do pecado e de nossas más inclinações.

Um artigo da edição de maio passado serviu de especial consolo e ajuda: *O poder de uma jaculatória*, no qual foram feitas adaptações das memórias de São João Bosco. Ele nos ajudou a recordar a confiança insondável que devemos ter em Nossa Senhora, Medianeira de todas as graças. Tudo quanto Lhe peçamos, para nosso bem e para a glória de Deus, nos é concedido, pois nunca foi abandonado alguém que se tenha encomendado a Ela, dizendo: Maria, Au-

xílio dos Cristãos, rogai por nós. E não podemos nos esquecer de que se não recebemos, não é Nossa Senhora quem não nos escuta, somos nós que nos cansamos de pedir.

Desejo que seu apostolado siga se estendendo, que esta Revista e todos os outros meios de evangelização que utilizam rendam abundantes frutos, e sejam muitas as almas que recebam a mensagem de Nossa Senhora com um coração fervoroso. Agradeço muito a Deus por haver encontrado os Arautos do Evangelho, pois, graças a seus ensinamentos, cerimônias e apostolado, minha família e eu estamos agora mais perto de Maria Santíssima.

Carmen Elena Pliego  
San Salvador – El Salvador

## DE IMENSA UTILIDADE PARA OS CATÓLICOS

Gostaria de realçar o aspecto evangelizador das edições desta publicação. Em suas diversas seções, encontramos informações sobre a doutrina da Santa Igreja Católica, sobre a vida dos Santos, Mariologia e Teologia. Sempre inclui também algum documento pontifício e um profundo comentário de Mons. João Scognamiglio Clá Dias a um dos Evangelhos do mês corrente.

Todo esse material informativo e devocional é de imensa utilidade para todos os católicos. Só podemos amar aquilo que conhecemos e, para termos um maior amor à Igreja, Corpo Místico de Cristo, a Maria, Corredentora, e à Santíssima Trindade, a Revista é um alimento de inestimável valor. Ela nos faz crescer na fé e ajuda a intensificar nossa devoção a Nosso Senhor Jesus Cristo, à sua Augustíssima Mãe e à Santa Igreja Católica Apostólica Romana.

Felipe Albuquerque  
Recife – Brasil

## PAI DE MUITAS ALMAS E SINAI DE UMA GRAÇA

**D**isse Deus a Abraão: “Levanta os olhos para os céus e conta as estrelas, se és capaz... Pois bem, assim será a tua descendência” (Gn 15, 5). Mais do que êxitos segundo o mundo ou prosperidade material, prometeu-lhe o Altíssimo como recompensa um povo eleito e abençoado, em cujo meio Ele escolheria viver e manifestar-Se.

Tendo só um filho, Abraão não viu com seus olhos carnis a plena realização dessa promessa. Entretanto, ao sair do Egito sua descendência já contava mais de seiscentos mil homens (cf. Ex 12, 37)... Mas isto ainda era pouco. Dele não iriam surgir unicamente doze tribos: em consequência do pacto feito com Deus, ele se tornaria também, pela fé, “o pai de uma multidão de povos” (Gn 17, 4). Esta primitiva promessa encontra seu ápice em Nosso Senhor, o “Primogênito de toda a criação” (Col 1, 15), e n’Ele se estende “aos confins da terra” (At 1, 8).

É, pois, na pertencença a Cristo que distinguimos “verdadeiramente a descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa” (Gal 3, 29). Seu patriarcado não se refere apenas, e nem sequer primordialmente, a uma filiação carnal, mas espiritual.

Nas famílias religiosas da Igreja, esta paternidade sobrenatural se exerce por meio dos fundadores. Com efeito, “cada Ordem Religiosa teve seu Sinai na pessoa do fundador e seu carisma recebido de Deus”.<sup>1</sup> Ele “representa para o religioso uma imagem divina, um modelo que [...] reproduz Cristo de maneira adaptada a seus filhos”.<sup>2</sup>

O verdadeiro fundador é, portanto, aquele que se caracteriza por ser pai, ao transmitir a vida espiritual a seus discípulos. Enquanto homem providencial, escolhido para dar início a um novo carisma na Igreja, cabe a Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, ser pai de uma multidão de filhos e filhas, que hoje se espalham por toda a terra.

Não é este, contudo, o único fruto produzido pela presença do Espírito no fundador. São muitas as obras por ele realizadas, as iniciativas começadas graças ao seu impulso e os planos por ele traçados para o futuro, que seus filhos espirituais se empenham em levar a bom termo. Sobretudo, incalculáveis são as graças que seu coração de pai obtém para um sem-número de almas.

Como uma árvore frondosa poderia se voltar reconhecida para o bulbo de que nasceu, esta obra dos Arautos inclina-se reverente diante de sua própria causa, transida de emocionada gratidão. Quer ela agradecer a Nossa Senhora pelos oitenta anos de ilibada fidelidade de Mons. João no seu serviço a Deus, à Igreja e aos homens, bem como por seu testemunho íntegro e ininterrupto de virtude, que o tornam exemplo e sustentáculo para todos aqueles que receberam a graça de tê-lo como pai. ✧

<sup>1</sup> ALBA CERECEDA, SJ, José María. Un documento histórico del Papa. In: *Ave Maria*. Barcelona. N.486 (Fev., 1985); p.22.

<sup>2</sup> GILMONT, Jean-François. Paternité et médiation du fondateur d’ordre. In: *Revue d’ascétique et de mystique*. Toulouse. Tomo XL. N.160 (1964); p.416.



*Missa campal  
presidida por  
Mons. João em  
18/7/2018; em  
destaque foto de  
dezembro de 2013*

Fotos: Stephen Nami e  
Leandro Souza



## ***Eucaristia e vida interior***

Sua profunda obra legislativa, sua lucidez e firmeza na luta contra os erros do modernismo e sua ardorosa devoção eucarística dão testemunho da fé heroica que ardia no coração de São Pio X. Assim o proclamou Pio XII no dia de sua canonização.

Reprodução



O programa do pontificado de Pio X foi solenemente anunciado por ele em sua primeira encíclica,<sup>1</sup> na qual declarava ser sua única meta “*instaurare omnia in Christo*” (Ef 1, 10), ou seja, recapitular, reconduzir tudo à unidade em Cristo.

Qual é, porém, a via que nos dá acesso a Jesus Cristo? – perguntava-se ele, olhando com amor as almas extraviadas e hesitantes de sua época. A resposta, válida ontem como hoje e nos séculos vindouros, é: a Igreja! Assim, sua primeira solicitude, mantida sem cessar até à morte, foi a de tornar a Igreja sempre mais concretamente apta e aberta ao caminhar dos homens para Jesus Cristo.

### ***Deus está na origem de toda justiça***

Com tal finalidade, concebeu a ousada empresa de renovar o corpo das leis eclesiais, de modo a dar a todo o organismo da Igreja um funcionamento mais regular, maior segurança e agilidade de movimento, como requeria um mundo exterior caracterizado por crescente dinamismo e complexidade.

Bem verdade é que esse empreendimento – por ele mesmo definido

como “*arduum sane munus*”, ou seja, “obra seguramente árdua” – era digno de seu eminente senso prático e do vigor de seu caráter. Entretanto, não parece que a mera consideração de seu temperamento explique o motivo final da difícil empresa. A fonte profunda da obra legislativa de Pio X deve ser procurada sobretudo em sua santidade pessoal, em sua íntima persuasão de que a realidade de Deus, percebida por ele numa incessante comunhão de vida, é a origem e o fundamento de toda ordem, de toda justiça, de todo direito no mundo. [...]

### ***Destemida luta contra as falsas doutrinas***

Pio X se revelou invicto campeão da Igreja e providencial Santo de nossos tempos também na segunda empresa que caracteriza sua obra e que, em episódios por vezes dramáticos, assumiu aspectos de luta engajada por um gigante em defesa de um inestimável tesouro: a unidade interna da Igreja em seu íntimo fundamento, a Fé. [...]

Sem dúvida, em virtude da graça de estado, qualquer outro Pontífice teria combatido e repellido os assaltos feitos para golpear a Igreja

em seu fundamento. Deve-se, todavia, reconhecer que a lucidez e a firmeza com as quais Pio X conduziu a vitoriosa luta contra os erros do modernismo atestam o grau heroico da virtude da fé que ardia em seu coração de Santo.

Preocupado apenas em conservar intacta a herança de Deus para o rebanho a ele confiado, o grande Pontífice não sentiu fraqueza perante qualquer alta dignidade ou autoridade, não hesitou ao se deparar com doutrinas sedutoras, mas falsas, dentro e fora da Igreja, nem temeu atrair ofensas pessoais e injusto desconhecimento da pureza de suas intenções.

Teve clara consciência de estar lutando pela mais santa causa de Deus e das almas. Nele se verificaram ao pé da letra estas palavras do Senhor ao Apóstolo Pedro: “Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, por tua vez, confirma os teus irmãos” (Lc 22, 32). Uma vez mais, a promessa e a ordem de Cristo suscitaram na indefectível rocha de um de seus Vigários a indômita têmpera do atleta. [...]

### ***O único caminho viável para amar a Deus***

A santidade, que se revela como inspiradora e guia das empresas de

Pio X acima mencionadas, resplandece ainda mais diretamente nos atos de sua vida cotidiana. Realizou em si mesmo, antes de fazê-lo nos outros, o programa por ele enunciado: recapitular, reconduzir tudo à unidade em Cristo.

Como humilde pároco, como Bispo, como Sumo Pontífice, competrou-se de que a santidade para a qual Deus o destinava era a santidade sacerdotal. Com efeito, num sacerdote da Nova Lei, qual santidade pode agradar mais a Deus senão aquela que convém a um representante do Sumo e Eterno Sacerdote que, na Santa Missa, deixou à Igreja a perene memória, a perpétua renovação do sacrifício da Cruz, até que Ele venha para o Juízo Final (cf. I Cor 11, 24-26); que no Sacramento da Eucaristia deu-Se a Si mesmo às almas como alimento: “Quem come deste pão viverá eternamente” (Jo 6, 58)?

Sacerdote sobretudo no ministério eucarístico, eis o mais fiel retrato de São Pio X. Servir como sacerdote o mistério da Eucaristia, cumprindo o mandato do Senhor: “Fazei isto em memória de Mim” (Lc 22, 19), foi a sua vida. Desde o dia de sua ordenação sacerdotal até o de sua morte como Pontífice, ele não conheceu outro caminho viável para chegar ao heroico amor a Deus e à generosa retri-

buição ao Redentor do mundo que, por meio da Eucaristia, “de certo modo extravasou as riquezas de seu divino amor para com os homens”.<sup>2</sup>

### *A forma mais digna e duradoura de salvar o mundo*

Uma das mais significativas provas de sua consciência sacerdotal foi o ardoroso empenho em restaurar a dignidade do culto e, sobretudo, vencer os preconceitos de uma praxe desviada, promovendo resolutamente a frequência, até mesmo diária, dos fiéis à Mesa do Senhor e levando sem hesitação para lá as crianças, quase erguendo-as em seus braços para oferecê-las ao abraço do Deus escondido sobre o altar, donde floresceu para a Esposa de Cristo uma nova primavera de vida eucarística.

Graças à profunda visão que tinha da Igreja como sociedade, Pio X reconheceu à Eucaristia o poder de alimentar substancialmente sua vida íntima e de elevá-la bem acima de todas as outras associações humanas. Só a Eucaristia, na qual Deus dá-Se aos homens, pode fundar uma vida associada digna de seus membros, cimentada pelo amor mais que pela autoridade, rica em obras e tendente ao aperfeiçoamento dos indivíduos, ou seja, uma vida “escondida com Cristo em Deus”. [...]

Daí decorre a grave responsabilidade daqueles aos quais, enquanto ministros do altar, incumbe o dever de abrir para as almas o manancial salvífico da Eucaristia. Em verdade, muitas são as formas de ação que um sacerdote pode desenvolver para a salvação do mundo moderno; entretanto, uma delas é sem dúvida a mais digna, a mais eficaz, a de efeitos mais duradouros: tornar-se um dispensador da Eucaristia, após ter-se ele próprio nutrido dela abundantemente.

Sua obra deixaria de ser sacerdotal se ele, movido embora pelo zelo das almas, relegasse a segundo plano a vocação eucarística. Conformem, pois, os sacerdotes seus pensamentos à inspirada sabedoria de Pio X e orientem confiantemente à luz da Eucaristia toda a sua atividade pessoal e apostólica. [...]

### *Sem vida interior não há eficácia nas obras*

Deve a alma lançar raízes na Eucaristia para daí extrair a seiva sobrenatural da vida interior, que não é só um bem fundamental dos corações consagrados ao Senhor, mas também uma necessidade para todo cristão chamado por Deus a cuidar de sua salvação. Sem a vida interior qualquer atividade, por mais preciosa que seja, se reduz a uma ação quase mecânica, não pode ter a eficácia própria de uma operação vital.

Eucaristia e vida interior: eis a suprema e universal pregação que Pio X, agora no fastígio da glória, dirige a todas as almas. ✧

*Pio XII. Excertos do discurso após o rito de canonização de São Pio X, 29/5/1954*



Reprodução

### **São Pio X teve a clara consciência de estar lutando pela mais santa causa de Deus e das almas**

Aspecto da cerimônia de canonização de São Pio X, presidida pelo Papa Pio XII; na página anterior, São Pio X fotografado em maio de 1913

<sup>1</sup> Encíclica *E supremi*, de 4 de outubro de 1903.

<sup>2</sup> CONCÍLIO DE TRENTO. *Sessão XIII*, c.2.

Imagem de Nossa Senhora de Fátima - Casa Thabor, Caieiras (SP)



## EVANGELHO

Naquele tempo, <sup>27</sup> enquanto Jesus falava ao povo uma mulher levantou a voz no meio da multidão e Lhe disse: “Feliz o ventre que Te trouxe e os seios que Te amamentaram”. <sup>28</sup> Jesus respondeu: “Muito mais felizes são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática” (Lc 11, 27-28).



# *Igual a Maria, mais ninguém*

A Assunção de Nossa Senhora ao Céu em corpo e alma nos revela os frutos da escuta fiel da Palavra de Deus, que Ela soube guardar em seu Coração e pôr em prática.



**Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP**

## **I – A PERSPECTIVA SOBRENATURAL DEVE GUIAR NOSSA VIDA**

Às vezes consideramos com superficialidade os fatos que presenciamos e, em consequência, não penetramos em seu sentido mais profundo. Quando vemos, por exemplo, uma estrela cadente, um cometa ou outro astro, nossa tendência é de julgar serem fenômenos estritamente materiais, sem relação com Deus. Entretanto, precisamos levar em conta que “n’Ele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17, 28), e que, portanto, nada há em absoluto independente do Criador. A existência de algo desligado de Deus significaria que Ele tivesse criado um ser e o soltasse depois no universo, esquecendo-Se deste, o que é de si impossível.

O Espírito Santo, pelos lábios de São Paulo, ensina um princípio de extrema utilidade para a vida espiritual: “Todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são os eleitos, segundo os seus desígnios” (Rm 8, 28). Esta ousada afirmação, própria ao fogo do Apóstolo, é cheia de substância, pois se tudo está em Deus e possui um vínculo com Ele, conclui-se que o acontecer do universo – seja angélico, humano ou das naturezas ani-

mal, vegetal ou mineral – poderá ser permitido ou não por Ele, visando sua glória e o benefício daqueles que Lhe pertencem.

Esta verdade deveria nos estimular a estarmos sempre atentos para perceber o aspecto sobrenatural até nos menores acontecimentos. Analisando por esse prisma a belíssima Liturgia que a Santa Igreja estabelece na Vigília da Assunção de Nossa Senhora, podemos nos preparar para melhor aproveitar esta grande Solenidade.

### *A Arca, sinal da presença de Deus*

A primeira leitura, extraída do Livro das Crônicas (I Cr 15, 3-4.15-16; 16, 1-2), narra como Davi convocou todo o povo em Jerusalém. Havia ele construído uma tenda para a Arca da Aliança e queria que seu transporte fosse feito de modo solene pelos filhos de Aarão e outros levitas, designados por Deus para o exercício desta função (cf. I Cr 15, 1-2). Em meio a alegres cânticos e numerosos sacrifícios, a Arca foi introduzida no seu lugar de honra e Davi abençoou toda a assembleia. Além de rei, ele era profeta e, embora não fosse sacerdote, estava – como todos os reis israelitas – revestido de um cará-

*Quando  
vemos uma  
estrela  
cadente,  
um cometa  
ou outro  
astro, nossa  
tendência é de  
julgar serem  
fenômenos  
materiais*

*A arca da Antiga Aliança era uma pré-figura da verdadeira, que viria séculos mais tarde*

ter sagrado que lhe conferia, com outros privilégios, o poder de abençoar.<sup>1</sup> Deus preza muito a intercessão dos que foram postos entre Ele e o povo, e por isso acompanha com abundantes graças a bênção do mediador.

A Arca da Aliança guardava as Tábuas da Lei (cf. Dt 10, 1-5) e constituía um símbolo da presença de Deus em Israel, pois Ele ouvia com maior benevolência os pedidos feitos diante dela. Esta Arca era uma pré-figura da verdadeira, que viria séculos mais tarde. Enquanto a primeira guardou a Antiga Lei, houve outra que, sem deixar de guardar a Lei, conteve também a Graça. Tal Arca se chama Maria. A partir do momento em que o Anjo Lhe anunciou sua eleição como Mãe do Redentor, Ela passou a ser a Arca da Nova Aliança e a gerar um Deus feito Homem para a salvação dos homens – o Criador do universo e d’Ela própria –, que durante nove meses viveu em seu claustro virginal. Se para o resto da humanidade o tributo do pecado original foi pago depois de adquirida a mancha, no caso da Virgem Santíssima Nosso Senhor aplicou o preço de seu Sangue Preciosíssimo antes de criá-La, isentando-A da culpa original desde a sua concepção.

#### *O penhor de nossa ressurreição*

A segunda leitura desta Vigília nos oferece, pela pena do Apóstolo, um paradigma do destino que espera aqueles que, tendo morrido na amizade com Deus, estiverem à sua direita no

dia da ressurreição da carne: “Quando este ser corruptível estiver vestido de incorruptibilidade e este ser mortal estiver vestido de imortalidade, então estará cumprida a palavra da Escritura: ‘A morte foi tragada pela vitória. Ó morte, onde está a tua vitória? Onde está o teu aguilhão?’ O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a Lei. Graças sejam dadas a Deus, que nos dá a vitória pelo Senhor nosso, Jesus Cristo” (I Cor 15, 54-57).

Em nossa época, inundada de imagens fantásticas difundidas pelo cinema e pela televisão ou veiculadas pela internet, repletas de super-homens e gênios extravagantes, convém considerar o quanto tudo isso, além de irreal, é ínfimo perto de um corpo glorioso. Este, gozando dos atributos de claridade, impassibilidade, agilidade, sutileza,<sup>2</sup> é incomparavelmente superior a qualquer ficção científica que nos possa ser apresentada. Sobre as características de tal estado, na vida eterna, ensina Santo Agostinho: “Então veremos, louvaremos, permaneceremos. Lá não haverá nenhuma indignância nem se necessitará nenhum remédio; não encontrarás nenhum mendigo com quem repartir teu pão ou peregrino para receberes em tua casa; não encontrarás nenhum sedento a quem dar de beber, nem desnudo a quem cobrir, nem enfermo a quem visitar, nem contendores a quem unir, nem morto a quem sepultar. Todos serão saciados com o alimento da justiça e a bebida da sabedoria; todos estão vestidos de imortalidade,



Translado da Arca da Aliança, por um autor anônimo da Escola de Úmbria - Coleção particular

todos moram em sua pátria eterna; a saúde de todos é a própria eternidade, saúde e concórdia eternas. Ninguém recorre ao juiz, ninguém procura artimanhas nem sentenças com caráter de vingança; não haverá enfermidade, não haverá morte”.<sup>3</sup>

### *Teria morrido Maria Santíssima?*

É sabido que no Céu, em corpo e alma, encontram-se Jesus, “primogênito dentre os mortos” (Ap 1, 5), Maria, que como criatura puramente humana está muito mais próxima de nós, e, segundo uma sólida linha teológica, também José.<sup>4</sup> Ignoramos se Maria morreu ou não, pois a Santa Igreja até hoje se absteve de defini-lo. Quando Pio XII proclamou o dogma da Assunção de Nossa Senhora, eludiu essa questão ao incluir a seguinte fórmula na Constituição apostólica *Munificentissimus Deus*: “A Imaculada Mãe de Deus, a sempre Virgem Maria, terminando o curso da vida terrestre, foi assumta em corpo e alma à glória celestial”.<sup>5</sup> Não determina, portanto, se Ela passou pelo transe da morte, para ressuscitar em seguida ou se, livre desta, subiu ao Céu em corpo e alma, como sucederia com a humanidade no Paraíso Terrestre, caso nossos primeiros pais não tivessem desobedecido. Essa transição devia-se a um privilégio pelo qual, segundo São Tomás, a alma “possuía uma força dada sobrenaturalmente por Deus, graças à qual podia preservar o corpo de toda a corrupção, enquanto permanecesse ela mesma submetida a Deus”.<sup>6</sup> No entanto, em decorrência da queda de Adão e Eva todos estamos sujeitos à morte e até o próprio Cristo quis padecê-la.

Em face disso, surgem duas correntes na Mariologia: uma sustenta que Nossa Senhora não podia deixar de experimentar as dores da morte, uma vez que era chamada a seguir seu Divino Filho em tudo. Outros afirmam que Nosso Senhor A teria livrado da morte, como A livrou também da mancha do pecado. Dado que a Igreja não se pronunciou a respeito disso, pode-se optar por uma ou outra tendência. De qualquer forma, Cristo levou consigo ao Céu a Arca que deu origem à sua humanidade santíssima, como reza o Salmo Responsorial: “Subi, Senhor, para o lugar de vosso pouso, subi com vossa Arca poderosa!” (SI 131, 8).

Estas leituras, que nos convidam a ter presente a figura de Maria no dia de sua Assunção,

são próprias a nos encher de esperança, pois também nós, embora concebidos no pecado, fomos criados com vistas à ressurreição e chamados a gozar um dia da glória do Céu, dessa sublime realidade que hoje contemplamos com os olhos da fé.

Para melhor compreendermos tal perspectiva, é necessário meditarmos com cuidado sobre os dois versículos do curto trecho do Evangelho selecionado para esta Vigília, o qual deita uma luz toda especial neste grandioso mistério.

## **II – NA RAIZ DA GLÓRIA DE MARIA ESTÁ A FIDELIDADE À PALAVRA**

### *Elogio feito sob uma perspectiva humana*

Naquele tempo, <sup>27</sup> enquanto Jesus falava ao povo uma mulher levantou a voz no meio da multidão e Lhe disse: “Feliz o ventre que Te trouxe e os seios que Te amamentaram”.

A mulher pronunciou estas palavras em voz alta para ser ouvida com clareza “no meio da multidão”. Era uma pessoa equilibrada, piedosa e com bom espírito, e nota-se como estava comovida e tomada de crescente admiração por Jesus. Decerto também ela era mãe e sabia avaliar o que significava possuir um tão grande filho, alegria desejada por todas as mães. É compreensível que, diante desse varão extraordinário, que fazia milagres estrondosos e ensinava uma doutrina arrebatadora, exposta com tanta força e beleza, se supusesse também a existência de uma mãe incomum. Ela não foi minimalista e percebeu o que alguns, professando certas teorias heréticas que não reconhecem os valores de Nossa Senhora, se negam a admitir: “Se esse Homem é assim” – terá pensado –, “bendita é a Mãe d’Ele. Que Mãe sublime deve ser esta!” A certa altura, segundo a loquacidade própria ao temperamento oriental sempre tendente a se manifestar, ela não se conteve e, quicá já compenetrada de que Jesus era o Messias, quis louvá-Lo de forma mais perfeita, honrando quem Lhe dera a vida. Tal é a intimidade entre Mãe e Filho, que, ao exaltar Maria, a mulher tecia a Nosso Senhor um dos melhores elogios. Ora, teve ela o belo gesto de glorificar a Arca, porém, considerou-A por um ângulo humano. É verdade que ela discerniu algo sobrenatural, e

*Decerto também ela era mãe e sabia avaliar o que significava possuir um tão grande filho*

Ouvir e pôr  
em prática a  
Palavra de  
Deus  
significa,  
em nosso  
caso, atender  
ao apelo  
universal à  
santidade

o fez inclusive com amplitude, pois viu em Nosso Senhor uma grandeza *hors-série*, mas... humanizou essa grandeza. E por este motivo enalteceu a Mãe, dando a entender, no fundo, que, repleta de dons naturais, os soubera transmitir com maestria ao Filho.

Ao mesmo tempo, ao ser posta a Mãe no centro das atenções, podia acontecer que fosse deixada de lado a doutrina que o Senhor pregava naquela ocasião. Esta, além de atraente, exigia adesão, pedia seu cumprimento. E dado que a tendência do homem, ao ser corrigido, é procurar um pretexto para legitimar suas faltas, entrar em considerações familiares a respeito do Mestre era um meio utilizado pelo demônio para promover o esquecimento de uma lei e de uma moral austera, árduas de praticar. Apesar desse equívoco, Jesus desejava estimular ao bem a mulher e os outros, porque Ele veio para salvar. E nessa circunstância vai ajudá-la a aprimorar seu encanto, mostrando-lhe a realidade por seu mais alto valor.

*Pela sua fidelidade à Palavra,  
Maria gerou-A no tempo*

<sup>28</sup> Jesus respondeu: “Muito mais felizes são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática”.

As palavras de Nosso Senhor encerram uma enorme profundidade. Aquela senhora punha em relevo a Maternidade Divina de Maria, o mais importante dos quatro dogmas que Lhe dizem respeito. Com efeito, nem sequer uma inteligência angélica seria capaz de imaginar a existência, dentro da natureza humana, de uma Mãe de Deus, privilégio único para o qual Ele predestinou a Virgem Santíssima desde toda a eternidade. Contudo, a boa mulher omitiu outra qualidade de Nossa Senhora que Jesus quis colocar em foco. Diz Ele, neste versículo, que a Maternidade Divina, embora sendo um dom insuperável, traz menos bem-aventurança do que ouvir a Palavra de Deus e pô-la em prática.

Maria, por ação da plenitude de graça e da ciência infusa que possuía, concebeu que haveria uma união da natureza humana com a divina para operar a Redenção, e começou a conjecturar sobre as qualidades d'Aquele que seria, ao mesmo tempo, Deus e Homem. Quando Ela, arrebatada por esta ideia, “tendo concebido Cristo antes em sua mente que em seu seio”,<sup>7</sup>

atingiu o auge da elaboração interior da figura do Messias, o Anjo Gabriel apareceu e A saudou: “Ave cheia de graça!” (Lc 1, 28), anunciando-Lhe que daria à luz o Emanuel. Foi pela fidelidade à Palavra de Deus que a Virgem respondeu ao mensageiro celeste: “*Ecce ancilla Domini. Fiat mihi secundum verbum tuum* – Eis aqui a escrava do Senhor. Faça-se em Mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38), e “o Verbo Se fez carne” (Jo 1, 14). E enquanto gerava a Palavra de Deus, Maria assimilava, contemplava, admirava e, sobretudo, punha em prática tudo o que ouvia em seu interior, oriundo d'Ele, conforme referiria mais tarde o Evangelista: “Maria conservava todas essas palavras, meditando-as no seu Coração” (Lc 2, 19).

“Maria, sem dúvida” – comenta Santo Agostinho –, “fez a vontade do Pai; por isso, para Maria é mais ser discípula de Cristo do que ter sido Mãe de Cristo. Sua felicidade é maior por ter sido discípula de Cristo do que por ter sido sua Mãe. [...] Por tal motivo, Maria foi bem-aventurada, porque ouviu a Palavra de Deus e a guardou: guardou a verdade no espírito melhor que a carne em seu seio. Verdade é Cristo, carne é Cristo; Cristo verdade estava na mente de Maria, Cristo carne estava no seio de Maria: o que está na mente é maior que o que é levado no ventre”.<sup>8</sup> De modo que Maria Santíssima recebe aqui, de seu Divino Filho, dois elogios: um pela Maternidade Divina e outro, ainda maior, por sua adesão exímia aos desígnios de Deus.

### III – UM CAMINHO ABERTO PARA A HUMANIDADE

Os dois versículos do Evangelho de hoje nos apresentam um convite extraordinário, muito mais importante do que se fôssemos destinados a ser pai ou mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo. À imitação de Nossa Senhora, devemos ouvir e pôr em prática a Palavra de Deus, o que, em nosso caso, significa atender ao apelo universal à santidade feito a todo batizado e sermos inteiramente dóceis àquilo que a Providência inspirou em nossos corações. Somos chamados a constituir as pedras vivas do edifício da Santa Igreja no mundo atual, tão desvairado pelo pecado e pervadido de horrores; somos chamados a abraçar a virtude e a levantar o estandarte da fidelidade à Igreja de Cristo. Se assim procedermos, seremos felizes, tanto quanto cabe a nossa



Stephen Nami

Missa da Solenidade da Assunção, presidida por Mons. João Scognamiglio Clá Dias e concelebrada por sacerdotes arautos - Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras, 15/8/2018

*Somos chamados a constituir as pedras vivas do edifício da Santa Igreja no mundo atual*

natureza decaída, como o foi a Virgem Maria, guardadas as devidas proporções.

A vocação do cristão exige o cumprimento íntegro da moral católica, condensada no Decálogo, e impressa no fundo de nossa alma. Deus está a todo momento nos conclamando para uma entrega, um combate, um progresso, um passo adiante, a fim de realizarmos em nossa existência a profecia do Protoevangelho: “Porei hostilidade entre ti e a Mulher, entre tua linhagem e a linhagem d’Ela” (Gn 3, 15a). Nós somos essa linhagem em constante hostilidade com a linhagem da serpente, ao pormos em prática a

Palavra de Deus. Maria Santíssima, a Arca da Nova Aliança, Mãe de Deus e nossa Mãe, neste dia em que Se elevou gloriosamente aos Céus em corpo e alma, antecipou a vitória final prevista na maldição da serpente: “Ela [a Mulher] te esmagará a cabeça” (Gn 3, 15b). Vitória triunfal que será completa na ressurreição dos mortos, no fim dos tempos, quando o mal for definitivamente derrotado no Juízo Universal, e o Filho de Deus pronunciar a sentença final: “Vinde benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo” (Mt 25, 34). ✧

<sup>1</sup> Cf. TUYA, OP, Manuel de; SALGUERO, OP, José. *Introducción a la Biblia*. Madrid: BAC, 1967, v.II, p.364-366.

<sup>2</sup> Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. In *Symbolum Apostolorum*, art.11.

<sup>3</sup> SANTO AGOSTINHO. Sermo CCCV/A, n.8. In:

*Obras*. Madrid: BAC, 1983, v.XXV, p.445.

<sup>4</sup> Cf. SÃO FRANCISCO DE SALES. Entretien XIX. Sur les vertus de Saint Joseph. In: *Œuvres Complètes. Opuscules de spiritualité. Entretiens spirituels*. 2.ed. Paris: Louis Vivès, 1862,

t.III, p.546; LLAMERA, OP, Bonifacio. *Teología de San José*. Madrid: BAC, 1953, p.629-630.

<sup>5</sup> PIO XII. *Munificentissimus Deus*, n.44.

<sup>6</sup> SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.97, a.1.

<sup>7</sup> SANTO AGOSTINHO. Sermo CCXV, n.4. In: *Obras*. Madrid: BAC, 1983, v.XXIV, p.180.

<sup>8</sup> SANTO AGOSTINHO. Sermo LXXII/A, n.7. In: *Obras*. Madrid: BAC, 1983, v.X, p.364-365.



## *Unidos num mesmo pai*

Se os Arautos do Evangelho se expandem com força pelo orbe é por se sentirem filhos espirituais de um mesmo pai bondosíssimo. Para conhecer melhor esta instituição, percorramos a vida de seu fundador e entendamos os objetivos que o levaram a fundá-la.



**Ir. Felipe Eugenio Lecaros Concha, EP**

**P**ara os Arautos do Evangelho, o mês de agosto desponta sempre com uma nota de especial alegria, pois nele comemoramos o aniversário de Mons. João Scognamiglio Clá Dias, nosso fundador. Essa circunstância dá ensejo a externar-lhe, mais do que em outros momentos, nossa gratidão por sua incansável generosidade em fazer o bem às almas.

Nos setenta e oito países em que os Arautos do Evangelho atuam, nosso fundador conquistou o coração de incontáveis pessoas. Sedentas de apoio e orientação em meio ao tempestuoso mar deste mundo, elas encontram em Mons. João e na sua obra as forças necessárias para trilhar com coragem o caminho da virtude. E, como é natural, cresce em toda parte o interesse por conhecer

sua vida, compartilhar seus anseios, compreender sua pessoa e missão.

Quem se detém a considerar a figura de Mons. João encontra nela um misterioso contraste. Sem deixar de ser pai bondosíssimo, sempre disposto a auxiliar seus filhos e filhas, apresenta-se aos nossos olhos como um varão grandioso, de dimensões proféticas. Tudo o que ele fez até agora no serviço à Igreja parece ser

apenas um prenúncio do que ainda está por vir.

Para desvendar em algo esse paradoxal mistério, nada melhor do que conhecer, embora brevemente, a biografia do fundador dos Arautos do Evangelho, seu profundo vínculo com Plínio Corrêa de Oliveira, o desabrochar de sua obra, o labor apostólico por ele realizado em uma das épocas mais trágicas e conturbadas da História.

É o que de algum modo tentaremos fazer nestas páginas da revista *Arautos do Evangelho*, oferecendo uma resenha da vida de Mons. João e da *nova militia* por ele fundada.

### *Um menino contemplativo*

Mons. João nasceu em São Paulo, no dia 15 de agosto de 1939, Solenidade da Assunção de Maria Santíssima aos Céus, invocação pela qual sempre nutriu especial devoção. Filho de Antonio Clá Dias, espanhol, e Annitta Scognamiglio, italiana, recebeu o Batismo a 15 de junho do ano seguinte na Igreja de São José, no Bairro Ipiranga, próxima à sua residência.

Desde a mais tenra infância, foi beneficiado pela Providência com o dom da contemplação e grande facilidade para perceber a ação do Divino Artífice através das criaturas. Assim, durante certas noites em que era acometido de insônia, costumava sentar-se no parapeito da janela de seu quarto para admirar longamente as estrelas. Aquele maravilhoso conjunto de cintilações causava-lhe viva impressão e o convidava a pensar na ordem posta por Deus no universo.

Quando contava cinco anos de idade, ao entrar na então Capela de Nossa Senhora das Dores, pertencente aos padres servitas e localizada no Bairro Ipiranga, deparou-se pela primeira vez com o Santíssimo Sacramento exposto. Tendo ingressado no templo justo no instante em que o sacerdote se preparava para dar a bênção, sentiu-se inexplicavelmente

atraído por aquela Hóstia branca, sobre cujo mistério ainda não fora instruído, bem como pelo ambiente de sacralidade e recolhimento.

Logo concluiu estar na presença de Deus! A sensação de grandeza e majestade extraordinárias, mas ao mesmo tempo o efeito da infinita bondade de Jesus, constituíram para ele um convite a ser bom e o ponto de partida de uma devoção eucarís-



Acima, Mons. João no dia de sua Primeira Comunhão; na página anterior, Missa campal presidida por ele em Caieiras (SP), em 18/7/2018; em destaque, Mons. João em dezembro de 2013

*Desde a infância, foi beneficiado com o dom da contemplação e grande facilidade para perceber a ação de Deus através das criaturas*

tica que, com o decorrer dos anos, só viria a se crescer e sublimar.

Durante seus estudos, Mons. João sempre se distinguiu como primeiro aluno da classe, demonstrando especial aptidão para a Matemática e as Artes. Entretanto, eram as aulas de Religião que mais o atraíam, por servirem de alimento para sua juvenil fé.

### *“Tem de haver no mundo um homem completamente bom!”*

O Sacramento da Confirmação, recebido em 26 de janeiro de 1948, e a Primeira Comunhão, realizada em 31 de outubro do mesmo ano, dilataram ainda mais sua paixão por tudo quanto dizia respeito à Fé Católica e à vida sobrenatural.

No início da adolescência, entrando em choque com o declínio moral e a vulgaridade reinantes na sociedade já naquela época, lamentou não haver quem os combatesse com o devido vigor. Em seu coração de menino, desejava ardentemente de algum modo transpor a bela harmonia sideral contemplada na infância para o convívio social de seus companheiros, acrescida de uma nota religiosa. Era o sopro do Espírito Santo a entusiasamá-lo no sentido de servir e amparar seus coetâneos.

Sob o influxo dessa graça, despertou-se sua inclinação pela Medicina, Psicologia e Artes, bem como o sonho de fundar uma associação de jovens com o intuito de aproximá-los de Deus e introduzi-los nas vias da perfeição, evitando assim que se perdessem.

Afligia-se ao constatar quantas pessoas se deixavam escravizar pelo egoísmo e agiam apenas por seus próprios interesses. Entretanto, uma certeza oriunda da fé dizia em seu interior: “Tem de haver no mundo um homem completamente bom e desinteressado! Ele está em meus caminhos e algum dia hei de encontrá-lo”.

Por isso, à noite ajoelhava-se aos pés da cama e, com lágrimas nos olhos, rezava trinta Ave-Marias ou

mais, pedindo para conhecer o quanto antes esse homem, cuja silhueta, por singular favor do Céu, já entrevia.

### ***Encontro com aquele a quem tanto buscava***

Foi então que, a 7 de julho de 1956, primeiro dia da novena a Nossa Senhora do Carmo, Mons. João conheceu Plínio Corrêa de Oliveira, o varão “verdadeiramente católico, apostólico e romano” – conforme diz seu epitáfio – que marcou o século XX de ponta a ponta com o fulgor de sua fé e destemida militância em prol da Santa Igreja. O encontro com aquele a quem procurava o encheu de alegria! Contava, na ocasião, dezesseis anos de idade.

Dr. Plínio, como era chamado por seus conhecidos, concebera desde menino a constituição de uma Ordem Religiosa de Cavalaria, destinada a atuar junto à sociedade para reformá-la. Em 1928, sendo já congregado mariano, ingressou no Movimento Católico e tornou-se um de seus mais destacados líderes. Ali reuniu um grupo de discípulos, mas não havia entre eles ninguém que compartilhasse inteiramente de seus ideais, visão da História e modo de pensar e agir.

Desde o momento em que Mons. João o conheceu, sua menta-

lidade se fundiu com a de seu mestre. A lógica das exposições de Dr. Plínio, a clareza de seu pensamento e o arrebatador perfume de sua virtude fizeram com que tomasse a resolução de abandonar tudo para servir a Deus na pessoa daquele varão. Junto a ele passaria quarenta anos, embebendo-se de sua elevação de espírito, delicado trato com o sobrenatural e quintessenciada nobreza de alma. O zelo de Dr. Plínio pela Igreja e pela sociedade vinham marcados por uma veemente veneração a toda e qualquer superioridade posta pelo Criador entre os homens, em especial ao considerar a figura do Santo Padre.

Anos depois, Dr. Plínio escreveria a Mons. João: “Lembra-se daquela súplica que se cantava na Congregação Mariana: *‘Da pacem, Domine, in diebus nostris, quia non est alius qui pugnat pro nobis nisi tu, Deus noster* – Dai paz, Senhor, aos nossos dias, porque não há ninguém que lute por nós a não ser Vós, Deus nosso”? Quantas e quantas vezes eu rezei pedindo a Nossa Senhora que me desse paz em meus dias, porque não havia quem lutasse por mim, a não ser *Deus noster*, ou seja, Ela mesma. Mais tarde Ela me deu um João, grande lutador por mim!”

Marcou também profundamente a vida do discípulo a bondosíssima mãe de Dr. Plínio, Da. Lucília Ribeiro dos Santos Corrêa de Oliveira. Ela foi para Mons. João, segundo sua própria expressão, “o anjo da guarda” que o ajudou a compreender a infinita misericórdia do Sagrado Coração de Jesus. Por sua vez, ele desempenhou junto a Da. Lucília um autêntico papel de filho durante os meses que precederam seu falecimento, em abril de 1968.

### ***Orientador e formador de milhares de jovens***

Seguindo o exemplo de Dr. Plínio, nos anos subsequentes Mons. João ingressou nas Congregações Marianas, tornou-se membro da Ordem Terceira do Carmo e consagrou-se como escravo de amor à Santíssima Virgem, segundo o método de São Luís Maria Grignon de Montfort.

Em 1958 foi convocado para prestar o serviço militar na recém-criada 7ª Companhia de Guarda, do 25º Batalhão de Infantaria, de São Paulo, onde se destacou pela disciplina, voz de comando e espírito militar, qualidades que lhe valeram ser condecorado com a medalha Marechal Hermes da Fonseca.

Nos anos seguintes, Mons. João aperfeiçoou seus conhecimentos



Arquivo pessoal de Mons. João

*As virtudes de Dr. Plínio fizeram com que tudo abandonasse para servir a Deus na pessoa daquele varão*

Mons. João na década de 1980 acompanhando Dr. Plínio durante uma estadia em Amparo (SP)



musicais com o maestro Miguel Arqueróns, diretor do Coral Paulistano do Teatro Municipal de São Paulo. Ficava reforçada assim outra base de seu futuro apostolado, nitidamente marcado pelo caráter musical e militar.

A partir de 1975, Mons. João tornou-se o orientador e formador dos milhares de jovens que acorriam de várias nações para conhecer Dr. Plínio. A uns arrancou das garras do demônio com sábios conselhos, a outros animou na busca da perfeição, a todos ajudou e fortificou na fé, numa atitude de verdadeira “solicitude por todas as igrejas” (II Cor 11, 28). Inaugurou ao mesmo tempo novos métodos de apostolado, que aproximavam a obra de Dr. Plínio dos jovens de todas as classes sociais e faziam aumentar o número dos que participavam de suas atividades.

Muitos desses jovens passaram a morar em casas de formação, nas quais a vida de oração, o estudo e o cerimonial religioso aliavam-se ao espírito missionário. Tratava-se de autênticas comunidades religiosas em estado incipiente, marcadas por uma intensa nota de disciplina, herdada do seu período de serviço militar.

### ***Nele Dr. Plínio continua vivo***

Mons. João foi para Dr. Plínio um discípulo perfeito. Tendo assumido por completo o espírito de seu mestre e participando em alto grau do dom de sabedoria que o distinguia, desempenhou as mais importantes e delicadas tarefas na obra por ele iniciada.

A ousadia, fidelidade e dedicação com que as realizava, levaram Dr. Plínio a qualificá-lo de “auxiliar de ouro”, “instrumento abençoado” e, já no fim de sua existência, “bastão de minha velhice”. Em certa ocasião,



João Scognamiglio Clá Dias

Da. Lucília Ribeiro dos Santos Corrêa de Oliveira, fotografada por Mons. João Scognamiglio Clá Dias

*Ela foi  
“o anjo da guarda”  
que o ajudou a  
compreender a  
infinita misericórdia  
do Sagrado  
Coração de Jesus*

ele lhe escreveu: “Manda a justiça que eu diga: ninguém me deu tantas e tão grandes alegrias quanto você”. Mais do que um seguidor ou filho espiritual, Dr. Plínio considerava Mons. João como seu “alter ego – outro eu”.

Quando, em 3 de outubro de 1995, Plínio Corrêa de Oliveira veio a falecer, Mons. João sentiu-se sustentado por uma especial graça de alegria. Tendo-o amado tanto em

vida, dir-se-ia que uma tristeza mortal dele se apossaria ao vê-lo expirar. Mas a Providência não permitiu que assim fosse. Uma ideia o consolava: Dr. Plínio era um profeta de tal grandeza que, mesmo após seu falecimento, de alguma maneira continuaria vivo.

A partir de então, percebeu em si uma ação sempre mais intensa do espírito de Dr. Plínio. Sentia-o atuante em seu interior, de forma difícil de exprimir com palavras. Tal havia sido o imbricamento entre ambos durante sua existência terrena que, estando ele agora na eternidade, por um verdadeiro fenômeno místico acentuava-se sua presença no mais íntimo do coração daquele filho.

### ***Nascem os Arautos do Evangelho***

Muitos pensavam que após o passamento de Dr. Plínio sua obra também morreria, mas, paradoxalmente, esta começou a crescer e a assumir uma fisionomia em inteira sintonia com o coração do mestre, apesar de muito diferente no seu aspecto exterior do que havia sido até aquele momento.

Pelas circunstâncias em que surgiu e pela mentalidade de alguns dos seus membros, ela havia se constituído como entidade civil, embora com inspiração e ideário marcadamente católicos. Entretanto, Dr. Plínio sempre desejou que a instituição por ele fundada se integrasse de maneira oficial à Igreja e procurou diversas fórmulas para isso.

Como tantas vezes já acontecera, foi Mons. João quem realizou os anelos de Dr. Plínio. Depois de seu falecimento, uma radical mudança se produziu em sua obra: nasceram os Arautos do Evangelho. No dia 22 de fevereiro de 2001, o Papa São João Paulo II concedeu-lhes a aprovação pontifícia como Associação

Internacional Privada de Fiéis, dando-lhes por missão ser “mensageiros do Evangelho pela intercessão do Imaculado Coração de Maria”.

Sob as bênçãos da Cátedra de Pedro, a ação evangelizadora de Mons. João e dos discípulos de Dr. Plínio que o acompanharam tornou-se mais ampla e fecunda, expandindo-se por dezenas de nações. Três pilares sustentavam sua espiritualidade: devoção à Sagrada Eucaristia, a Maria Santíssima e ao Papado. Uma frase do Evangelho definia-lhes o carisma: “Sede perfeitos como vosso Pai Celeste é perfeito” (Mt 5, 48).

Intensificaram-se então as Missões Marianas nas paróquias, fortaleceu-se o Apostolado do Oratório *Maria, Rainha dos Corações*, grupos cada vez maiores se prepararam para a consagração a Nossa Senhora segundo o método de São Luís Maria Grignion de Montfort. E a isso se somou muitos outros empreendimentos evangelizadores, como a transmissão de programas de televisão via internet, a organização de retiros, a difusão da doutrina e cultura da Igreja através de livros e revistas.

### *Comunidades masculinas e femininas*

Como fruto do apostolado de Mons. João, floresceu também um numeroso grupo de moças desejosas de se entregarem a Deus segundo o carisma dos Arautos do Evangelho, e muitas delas começaram a levar vida comunitária ainda na década de 1990. Em 25 de dezembro de 2005, a vida fraterna dessas jovens consagradas assumiu forma canônica com a fundação diocesana da Sociedade de Vida Apostólica Regina Virginum. Poucos anos mais tarde, em 26 de abril de 2009, ela receberia a aprovação pontifícia do Papa Bento XVI.

*Como fruto do apostolado de Mons. João, floresceu também um numeroso grupo de moças desejosas de se entregarem a Deus*

Tanto as comunidades do ramo masculino como as do feminino são pautadas por uma vida de intensa espiritualidade, que inclui a participação diária na Eucaristia, a frequente Adoração ao Santíssimo Sacramento – em algumas casas, a Adoração Perpétua se mantém há anos – e a recitação conjunta do Rosário e da Liturgia das Horas.

O hábito que portam simboliza a vocação à qual esses jovens foram chamados: escapulário marrom, de inspiração carmelita, com uma grande cruz branca, vermelha e dourada, cores que significam a pureza imaculada, a disposição a todos os sacrifícios exigidos no serviço da Igreja e a nobreza do ideal. A corrente que lhes cinge a cintura atesta sua escravidão de amor à Santíssima Virgem, e o rosário, pendente do lado direito, é a arma eficaz no combate ao mundo, ao demônio e à carne.

Sob a orientação e o estímulo de Mons. João, surgiram também os cooperadores dos Arautos do Evangelho, pessoas que, sem negligenciar suas obrigações familiares e profissionais, dedicam-se à difusão da devoção a Maria, a levar conforto aos doentes e presos, à catequese e



Lucia Vu

Algumas das participantes no último Curso de Férias do setor feminino dos Arautos do Evangelho - Casa Monte Carmelo, Caieiras (SP), 18/7/2019



## Nasce o ramo sacerdotal dos Arautos

A ordenação presbiteral de Mons. João, e outros quatorze membros dos Arautos do Evangelho, ocorreu no dia 15 de junho de 2005, na Basílica de Nossa Senhora do Carmo, em São Paulo, local onde ele havia se encontrado com Dr. Plínio pela primeira vez.

O segundo grau do Sacramento lhes foi conferido por Dom Lucio Angelo Renna, OCarm, à época Bispo de Avezzano, Itália. Dava-se assim a dupla circunstância de a ce-

rimônia se realizar numa igreja carmelita e ser presidida por um Bispo dessa mesma Ordem, tão ligada à história de Dr. Plínio e dos Arautos.

O Cardeal Cláudio Hummes, OFM, naquele tempo Arcebispo Metropolitano de São Paulo, fez questão de comparecer no início da celebração, da qual não pôde participar devido a um compromisso previamente assumido, e dizer umas breves palavras expressando seu contentamento por ver nascer um ramo sacerdotal

nas fileiras dos Arautos do Evangelho. “Quis vir pela importância do momento”, declarou ele na ocasião.

Seis Bispos brasileiros e setenta e três sacerdotes prestigiaram com sua presença a cerimônia, tão histórica para os Arautos. A partir daquele dia, os filhos espirituais de Mons. João encontrariam um outro Cristo na pessoa de seu pai, pronto a alimentá-los com o Pão Eucarístico e purificá-los com o Sacramento da Reconciliação.



Aspectos da cerimônia de ordenação sacerdotal de Mons. João Scognamiglio Clá Dias na Basílica de Nossa Senhora do Carmo, em São Paulo, 15/6/2005: à esquerda, palavras iniciais de Dom Cláudio Hummes; ao centro, os neossacerdotes arautos com Mons. João e Dom Lucio Renna ao centro; à direita, unção das mãos de Mons. João

Fotos: Timothy Ring

animação litúrgica nas paróquias e a outras obras de apostolado.

### *Trato familiar com grandes figuras do tomismo*

A formação espiritual, intelectual e doutrinária de seus seguidores foi sempre uma das principais preocupações de Mons. João, e ele próprio quis primar pelo exemplo nessa matéria.<sup>1</sup>

Porém, mais do que dos estudos acadêmicos, a vasta formação teológica de Mons. João é consequência do trato assíduo com grandes tomistas do século XX. Entre os catedráticos da Universidade de Salamanca, na Espanha, ou do *Angelicum*, em Roma, que o honraram com sua amizade, podemos mencionar o Pe. Victorino Rodríguez y Rodríguez, Pe. Antonio Royo Marín, Pe. Armando Bandera e Pe. Raimondo Spiazzi, além dos canonistas, também dominicanos, Pe. Fernando Castaño, Pe. Esteban Gómez e Pe. Arturo Alonso Lobo.

Foi conversando longamente com esses doutos discípulos de São Tomás e meditando sobre todos os assuntos à luz da sabedoria de Plínio Corrêa de Oliveira que Mons. João construiu em seu espírito o monu-

mental arcabouço teológico do qual dão prova os sete volumes de seus comentários ao Evangelho, publicados pela Libreria Editrice Vaticana entre os anos 2012 e 2014, em português, espanhol, italiano e inglês.

Essa mesma riqueza e profundidade doutrinária, aliada ao desejo de fazer o bem às almas, pode ser encontrada em todas as suas outras obras.<sup>2</sup>

### *Como se tornar um com Jesus Eucarístico?*

Na vida de Mons. João não faltaram terríveis sofrimentos, por ele enfrentados com resignação e galhardia, lembrando sempre que o discípulo não é maior que o mestre: “Se alguém quer vir após Mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-Me” (Lc 9, 23).

Acometeram-no graves enfermidades físicas, que quase o conduziram às portas da morte. Suportou também inúmeras contrariedades de ordem moral e espiritual, motivadas principalmente pelas incompreensões de alguns de seus mais próximos e perseguições promovidas por pessoas às quais quis fazer o bem. Mas em todas essas adversi-

dades pôde ele dizer com o salmista: “De todos os temores me livrou o Senhor” (Sl 33, 5).

Cada uma dessas tribulações teve por efeito intensificar em sua alma o amor a Jesus Eucarístico que despontara no alvorecer de sua existência. Uma misteriosa atração, da qual fora pré-figura o episódio ocorrido na infância, impelia-o para junto do Santíssimo Sacramento do Altar. Perto d’Ele se sentia compreendido,

*Partícipes do incansável zelo de seu fundador, os sacerdotes arautos têm se lançado à conquista das almas pelo mundo afora*

Abaixo, cerimônia de ordenação de dezessete novos presbíteros dos Arautos do Evangelho - Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP), 18/5/2019



afagado, de algum modo angelizado e disposto a todos os holocaustos.

Como se tornar um com Jesus? Como ser outro Ele mesmo, conhecendo-O e amando-O com mais fervor, e assim servir à Santa Igreja e à sociedade com perfeição? É a pergunta que se fazia nos albores do novo milênio.

### *Surge o ramo sacerdotal*

Tendo, como leigo consagrado, mantido sempre a castidade perfeita, brotou em seu interior o desejo, irresistível e claro como um sol, de trilhar as vias sacerdotais, sublimando sua entrega total ao Senhor. “Quero unir-me mais a Jesus, quero ser um veículo d’Ele para absolver quantos encontrar em busca do perdão divino, quero ser consumido como uma hóstia a serviço d’Ele em benefício de meus irmãos e irmãs”, escrevia ele numa carta redigida alguns meses antes de sua ordenação presbiteral.

Em 15 de junho de 2005, Mons. João era ordenado sacerdote na Basílica de Nossa Senhora do Carmo, em São Paulo, com outros quatorze membros dos Arautos do Evangelho. Nascia em sua obra um ramo



L'Osservatore Romano

## **Íntima união com o Papa Bento XVI**

**D**esde a elevação de Bento XVI ao Sólido Pontifício, Mons. João discerniu em sua pessoa um varão providencial para os nossos dias. Assim, empenhou-se em seguir os rumos indicados por Sua Santidade, desejoso de pôr-se a seu serviço, e em inculcar nos que estavam sob sua orientação um amor enlevado pelo Santo Padre e filial acatamento ao seu magistério.

Por sua parte, Bento XVI acolheu paternalmente o carisma posto pelo Espírito Santo na alma do fundador dos Arautos do Evangelho, concedendo a aprovação pontifícia às duas Sociedades de Vida Apostólica nascidas no seio dessa instituição. Conferiu também a Mons. João o canonicato da Basílica Papal de Santa Maria Maggiore e a medalha *Pro Ecclesia et Pontifice*, em reconhecimento por seus serviços à Santa Igreja. E mesmo

após a renúncia ao exercício ativo do ministério petrino, continua ele a acompanhar Mons. João com seu apoio e orações, como pôde manifestar em recentes visitas que lhe fizeram alguns sacerdotes arautos, em nome de seu pai e fundador.

Contudo, a razão mais alta do estreito vínculo existente entre ambos quiçá ainda esteja por ser compreendida em sua plenitude, como externa Mons. João em uma carta dirigida ao Papa Bento, datada de novembro de 2018: “Por alguma razão misteriosa – talvez vós o saibais discernir melhor – sinto-me intimamente unido a vós, em minha própria missão e vocação. Por isto, rezo incessantemente por Vossa Santidade, pois é como se eu, de alguma forma, rezasse por mim mesmo. Talvez o futuro esclareça melhor este meu sentimento interior”.

Acima, Bento XVI aponta para a cruz de Santiago, símbolo dos Arautos do Evangelho, durante audiência com Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, em 26/11/2009 no Palácio Apostólico

sacerdotal, que haveria de tomar forma canônica na Sociedade Clerical de Vida Apostólica Virgo Flos Carmeli. Aprovada por Sua Santidade Bento XVI em 21 de abril de 2009, hoje ela conta com mais de duzentos clérigos, todos eles formados nos seminários da instituição.

Com o ramo sacerdotal, ampliou-se o leque das atividades evangelizadoras. Partícipes do incansável zelo de seu fundador, os sacerdotes arautos têm se lançado à conquista das almas pelo mundo afora.

A pulcritude dos gestos durante a celebração, a ortodoxia da doutrina e, sobretudo, a ilibada prática da virtude da pureza são pontos nos quais mais se faz sentir neles algo do espírito de Mons. João, cuja retidão e disciplina procuram com todas as suas forças imitar. Um novo tipo humano, paternal e dedicado no exercício do ministério e ao mesmo tempo solene e elevado nas cerimônias litúrgicas, se incorpora às riquezas milenares da Santa Igreja.

### **Uma nova cavalaria nasce na Igreja**

Em 2008, apenas três anos após sua ordenação, Mons. João foi nomeado por Bento XVI como Cônego Honorário da Basílica Papal de

Santa Maria Maggiore, em Roma, e Protonotário Apostólico. Com esse gesto, o sucessor de São João Paulo II reconhecia o “dinâmico florescer dos Arautos do Evangelho”<sup>3</sup> e vinculava seu fundador à primeira igreja do Ocidente dedicada a Maria Santíssima.

Aquele que, seguindo as pegadas de Dr. Plínio, consagrara sua existência ao serviço de Nossa Senhora via-se assim premiado por Ela.

No dia 15 de agosto de 2009, por ocasião de seu septuagésimo aniversário natalício, o mesmo Bento XVI conferiu a Mons. João, pelas mãos do Eminentíssimo Cardeal Franc Rodé, então Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida

*“Faz algum tempo que se difunde a notícia de que um novo gênero de cavalaria apareceu no mundo”*

Apostólica, a medalha *Pro Ecclesia et Pontifice*, uma das mais altas honrarias concedidas pelo Papa a quem se distingue por sua atuação em favor da Santa Igreja e do Romano Pontífice.

Bom conhecedor dos Arautos do Evangelho e portador da voz oficial da Igreja enquanto Prefeito da mencionada Congregação, o Cardeal Rodé procurou exprimir o sentido mais profundo da honraria que estava sendo conferida ao fundador dos Arautos do Evangelho.

Afirmou ele na ocasião: “No momento de vos entregar a condecoração com a qual o Santo Padre quis premiar vossos méritos, vêm-me à mente as palavras de São Bernardo, no início de seu tratado *De laude novae militiae*: ‘Faz algum tempo que se difunde a notícia de que um novo gênero de cavalaria apareceu no mundo’. Estas palavras podem ser aplicadas ao momento presente. Com efeito, uma nova cavalaria nasceu, graças a Vossa Excelência, não secular, mas religiosa, com um novo ideal de santidade e um heroico empenho pela Igreja.

“Neste empreendimento, nascido em vosso nobre coração, não podemos deixar de ver uma graça particular dada à Igreja, um ato da Divina

Fotos: César Diez / Gustavo Kralj / Sergio Miyazaki



Aspectos da cerimônia de entrega da medalha “Pro Ecclesia et Pontifice”, presidida pelo Cardeal Franc Rodé - Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)

Providência em vista das necessidades do mundo de hoje”.

Com efeito, os Arautos do Evangelho não têm outro objetivo senão o de lutar para que venha o quanto antes o Reino de Maria previsto profeticamente por São Luís Maria Grignon de Montfort. A anunciar e antecipar esse Reino, Plínio Corrêa de Oliveira dedicou sua vida; torná-lo realidade nos corações é o anseio que impele Mons. João a cada instante.

### “Não posso renunciar à minha missão de pai”

Em 2 de junho de 2017, tendo completado mais de sessenta anos de lutas em prol da Igreja, Mons. João apresentou sua renúncia aos cargos de Superior-Geral da Sociedade Clerical de Vida Apostólica Virgo Flos Carmeli e de Presidente-Geral da Associação Privada de Fiéis Arautos do Evangelho.

Espelhando-se no exemplo d’Aquele que mostrou à humanidade ser a via da abnegação e do sofrimento bem aceito a única que conduz à verdadeira glória, Mons. João tomou tal decisão tendo em vista claramente toda a envergadura e prodigioso crescimento da obra nascida de suas mãos, e ciente de que diante do Altíssimo o ser é muito mais do que o fazer. Assim se exprimiu ele naquela ocasião:

“Ao deixar este encargo, não posso – nem desejaria – diante de Deus,



Mons. João após a Celebração da Eucaristia, 26/1/2019

*Tornar o Reino de Maria uma realidade nos corações é o anseio que impele Mons. João a cada instante*

renunciar à minha missão de pai. Faço à Trindade Santíssima, por meio de minha Senhora e Mãe, a Virgem Maria, o firme propósito de continuar a interceder junto a Deus, com minhas súplicas e preces, por meus filhos. Continuarei à disposição de todos e cada um, por saber-me constituído por Deus como modelo e guardião vivo desse carisma, confiado a mim pelo Espírito Santo”.

### Qual será o fim do caminho?

Após estas considerações, motivadas pelo octogésimo aniversário de Mons. João, cabe perguntar: qual será o futuro dessa obra? Onde desembocará esse rio cujo caudaloso curso foi iniciado por Plínio Corrêa de Oliveira e tem continuidade em Mons. João?

Não nos é dado conhecer as provas, vicissitudes e alegrias que a Providência nos reserva até o término do caminho, mas não há nenhuma dúvida quanto ao ponto final, profetizado em Fátima pela própria Maria Santíssima: “Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará!”

Essa promessa está prestes a se cumprir. Queira a Santíssima Virgem derramar especialíssimas graças a fim de que os Arautos do Evangelho sejam, cada vez mais, um instrumento para a implantação do Reino de Maria, época luminosa da História na qual será feita a vontade de Nosso Senhor Jesus Cristo “assim na terra como no Céu”. ✧

<sup>1</sup> Tendo cursado Direito na tradicional Faculdade do Largo São Francisco, em São Paulo, na década de 1960, licenciou-se mais tarde em Humanidades pela Pontifícia Universidade Católica Madre y Maestra, de Santo Domingo, República Dominicana; obteve o mestrado em Psicologia pela Universidade Católica de Bogotá, Colômbia; doutorou-se em Direito Canônico pela Pontifí-

cia Universidade São Tomás de Aquino (*Angelicum*), de Roma, bem como em Teologia pela Universidade Pontifícia Bolivariana, de Medellín, Colômbia.

<sup>2</sup> Entre elas cabe destacar: *Mãe do Bom Conselho*, com edições em português, italiano, inglês e albanês; *Dona Lucia*, reeditado em 2013 pela Libreria Editrice Vaticana (LEV) em português, espa-

nhol, italiano e inglês; *Pequeno Ofício da Imaculada Conceição Comentado* (1997 e 2010); *Fátima, aurora do terceiro milênio* (1998), do qual foram difundidos mais de dois milhões de exemplares em trinta países; *Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará!* (2017), com edições em português, espanhol, inglês, italiano e francês; a coleção *O dom de sabedoria na mente, vida e obra*

de Plínio Corrêa de Oliveira (2016), em cinco volumes, publicada também pela LEV em português e espanhol; e *São José: quem o conhece?...* (2017), com edições em português, italiano e espanhol.

<sup>3</sup> BENTO XVI. *Luce del mondo. Il Papa, la Chiesa e i segni dei tempi*. Città del Vaticano: LEV, 2010, p.89.

# As alegrias de Nossa Senhora na Assunção

Devemos não só nos alegrar com as boas coisas que acontecem em nossas vidas, mas também pensar nas alegrias extraordinárias da Assunção, depois da qual Maria Santíssima foi coroada como Rainha do Céu e da terra.

Plínio Corrêa de Oliveira



No dia da Assunção, Nossa Senhora estava na plenitude de sua santidade. Sua alma puríssima, que durante toda a sua existência terrena não deixara um instante de progredir na vida espiritual, tinha chegado a um clímax que A fazia possuir a perfeição perfeitíssima, a beleza belíssima, a virtude virtuosíssima.

Encontrava-Se Ela no apogeu dos apogeus; seu amor a Deus nunca fora maior do que naquele momento.

## *Amor entusiástico de todos os Anjos*

Podemos imaginar o estado de espírito de quem sabia estar prestes a gozar da visão beatífica, conduzida por um cortejo infindo de Anjos, dos quais recebia as maiores homenagens possíveis, como nunca nenhuma rainha do mundo recebera ou receberia.

Ademais, a Santíssima Virgem era capaz de compreender a natureza, luz primordial e graça de cada Anjo, o amor que eles tinham a Deus e o amor do Altíssimo por cada um. Possuía também um conhecimento perfeito da veneração e do culto de hiperdulia prestados pelos milhões e milhões de Anjos que a Ela se dirigiam, aclamando-A com o maior respeito e amor, e sentia uma alegria completa ao ouvir esses louvores, ciente de merecê-los por ser Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo e espelho fidelíssimo d'Ele.

O que seria para uma mera criatura humana, como era Nossa Senhora, ver-se objeto do amor entusiástico dos espíritos celestes, alegres por receber no Céu a sua Rainha?

## *Coroada como Rainha do Céu e da terra*

Depois de Ela ter percorrido com seu pensamento e olhar todos esses

Anjos e Se encontrado com as almas santas que já haviam subido ao Céu após a Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, depois de ter-Se encontrado com seu esposo São José e permutado com ele uma saudação cheia de um respeito e um afeto dos quais nem sequer fazemos ideia, a Assunção alcançara o seu término. Chegara a hora da coroação.

Ela seria reconhecida pela Santíssima Trindade como Rainha dos Anjos e dos Santos, do Céu e da terra, e isso motivou uma festa no Céu. Não o digo como hipérbole, pois acredito que tenha havido ali uma verdadeira festa, embora em termos e modos que não podemos imaginar.

A coroação marcou o auge total e pleno de sua alegria, agora já sem





Coroação de Maria Santíssima,  
por Fra Angélico - Galleria degli Uffizi,  
Florença (Itália)

*O que significou para  
Nossa Senhora o  
primeiro instante da  
visão beatífica,  
a primeira alegria  
da visão direta  
de Deus?*

sombra, sem mancha, sem incerteza, sem preocupação, sem a menor nuvem. Havia sido reconhecida como Rainha por ser Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, Filha do Padre Eterno e Esposa do Divino Espírito Santo.

O que significou para Nossa Senhora o primeiro instante da visão beatífica – instante eterno, porque o Céu é eterno –, a primeira alegria da visão direta de Deus? Pois bem, a Assunção era o caminho a percorrer para chegar até lá e Maria Santíssima o sabia e desejava ardentemente. Tendo isso na mente, é possível aquilatar os oceanos – eu diria, as infinitudes – de alegrias que inundaram sua alma santíssima naquele dia.

***Nossas dores serão transformadas em alegrias***

Podemos tirar algum proveito dessas considerações e encontrar nelas

uma aplicação para nossa vida espiritual? Evidentemente sim.

Nós também somos chamados a subir ao Céu. Logo após a morte, nossas almas serão julgadas, apresentadas a Nossa Senhora e, pela misericórdia d'Ela, em certo momento gozaremos da visão beatífica.

Estando nas delícias do Céu, desfrutaremos da familiaridade com os Anjos, com os Santos. Encontrar-nos-emos novamente uns com os outros, e uma das maiores fontes de alegria que lá teremos será lembrar as dores desta terra e tudo quanto aqui passamos.

Ao encontrarmos alguém com quem tínhamos implicância, diremos:

— Oh, meu caro, o senhor se recorda daquele desacordo entre nós? Dos aborrecimentos que lhe dei? Olhe, por causa disso eu passei no Purgatório tanto tempo...

O outro responderá:

— Eu também aborreci o senhor, mas Nossa Senhora nos perdoou e em função disso se estabeleceu entre nós um vínculo de amizade ainda maior. Lembra-se dos favores que Ela nos concedeu? E de fulano e sicrano, que eram tão nossos amigos?

— Sim, onde eles estarão? – perguntará o primeiro.

— Veja, eles estão lá – responderá o outro.

Eu não tenho a menor dificuldade em admitir que haverá festas no Paraíso Celeste, nas quais todos juntos louvaremos de um modo especial a Maria Santíssima. As dores que padecemos no momento presente serão transformadas em alegrias superabundantes, em satisfações insondáveis, que nos inundarão durante toda a eternidade.

***Eternidade perpetuamente nova, animada, empolgante***

Meus caros, nossa vida pode durar trinta anos, cinquenta anos, mas

passa. Ela representa menos do que um minuto quando nos colocamos na perspectiva da eternidade. Sofremos agora; depois, porém, quantas alegrias teremos! E uma das maiores delas será olhar para Nossa Senhora.

Há uma história medieval, bastante conhecida, referente a certo homem que pediu muito para vê-La. A Mãe de Deus apareceu-lhe e ele ficou encantado. Mas, quando Ela Se retirou, estava cego de um olho. Então um Anjo perguntou-lhe se queria vê-La novamente, com a condição de perder a outra vista. Ele pensou um pouco e respondeu: “Quero! Vale a pena ficar cego para ver Nossa Senhora mais uma vez. Qualquer treva é aceitável, desde que, por um instante, eu possa pôr os meus olhos nessa luz!”

A Santíssima Virgem veio de novo. Ele A contemplou longamente e, quando a celeste visitante foi embora, estava curado da outra vista!

Se é tão magnífico ver Nossa Senhora, imaginem o que significa contemplar Nosso Senhor Jesus Cristo! E, depois, a essência de Deus na visão beatífica... Tudo isso eternamente, pelos séculos dos séculos!

E agora pergunto: em comparação com essa eternidade fixa, imóvel, mas perpetuamente nova, sem jaça, em extremo interessante, curiosa de ver, animada, empolgante, o que é esta vida passageira? Não é absolutamente nada, é uma escória. Diante dela temos a impressão de que a vida presente é, mais do que uma realidade, um pesadelo.

### **Quanto mais sofremos, mais devemos nos lembrar da glória**

Então, pensar que na eternidade vamos ter alegrias análogas às de Nossa Senhora, e que nossa ida ao Céu em algo se assemelhará com a Assunção d’Ela ao Paraíso Celeste é, a meu ver, a melhor das meditações.

Representa-se Nossa Senhora com o Coração circundado de rosas brancas, para lembrar sua pureza, e perfurado por sete gládios. Evidentemente são gládios espirituais, que simbolizam a alma d’Ela ferida pela espada de dor prenunciada pelo profeta Simeão.

Eu gostaria de ser pintor para representar Maria Santíssima subindo ao Céu, com o Coração à mostra, e saindo desses sete gládios a mais intensa luz que se possa imaginar. Porque o grande júbilo d’Ela provinha dos tormentos sofridos, das lutas aceitas...

Essa será também a nossa alegria. Quanto mais sofrermos nesta terra,

*Em comparação com essa eternidade fixa, imóvel, mas perpetuamente nova, em extremo interessante, o que é esta vida passageira?*

mais devemos nos lembrar da glória que teremos ao subir para o Céu, e da felicidade que gozaremos pelos séculos dos séculos.

Na Ladainha de Todos os Santos, há uma jaculatória que sempre me impressionou muito: “Senhor, dignai-Vos elevar nossas almas ao desejo das coisas celestes”. É fazendo meditações assim que percebemos a grandeza das “coisas celestes”, e isso nos dá alegria e inteira consolação para suportar as coisas da terra. ✧

*Extraído, com adaptações, da revista “Dr. Plínio”. São Paulo. Ano XVII. N.197 (Ago., 2014); p.18-23*

## **A “punição” de São Tomé**

Em certos momentos, Nossa Senhora decide punir a falta de um filho muito dileto. Mas, quando o faz, logo a seguir lhe concede um sorriso bondoso, um perdão completo e alguma grande graça.

**C**onta uma tradição venerável que São Tomé, como castigo por ter duvidado da Ressurreição de Nosso Senhor, não se encontrava presente junto aos outros discípulos na hora da morte de Nossa Senhora. Entretanto, quando Ela estava já subindo ao Céu, a certa distância do solo, os Anjos o trouxeram para que pudesse contemplá-La na terra pela última vez. Nesse momento deu-se um fato que faz refulgir a índole de Nossa Senhora, para cuja qualificação a palavra *materna* não basta; seria preciso usar um outro termo, como supermaterna, arquimaterna, incomparável...

Ciente de ter merecido a pungente punição de não estar presente no instante de sua morte nem no início da



Gustavo Kraijl

Assunção de Maria, por Neri di Bicci - National Gallery of Canada, Ottawa

Assunção, São Tomé olhou para Maria Santíssima e Ela, sorrindo, concedeu-lhe uma graça toda especial: desatou seu cinto e lançou-o para ele lá de cima. O Dídimo recebeu assim, não direi o perdão pela sua falta, porque já estava perdoada, mas a suprema graça de ganhar uma relíquia d'Ela vinda do céu.

Nossa Senhora age assim quando tem algo a perdoar de um filho muito diletto. Às vezes Ela o pune, às vezes nem sequer o castiga. Mas, quando

decide fazê-lo, logo a seguir lhe concede um sorriso bondoso, um perdão completo e alguma grande graça.

Poderíamos imaginar que São Tomé, ao voltar para casa com os Apóstolos, mostrar-lhes-ia ufano o cinto recebido como presente e lhes diria: “*O felix culpa – Ó feliz culpa!* Por desgraça, eu duvidei de meu Salvador, mas em compensação tive a felicidade de ganhar esta relíquia celeste de minha Mãe Santíssima”.

O último sorriso de Nossa Senhora, o último favor d'Ela antes de subir ao Céu, a mais extrema mostra de amenidade, a bondade mais suave d'Ela foi dada exatamente a São Tomé, e isto nos deve encorajar e encher de esperança. ✧

*Extraído, com adaptações, da revista “Dr. Plínio”. São Paulo. Ano XXI. N.245 (Ago., 2018); p.12-13*

SANTO ESTÊVÃO DA HUNGRIA

## Cumpriu sua vocação nos braços de Maria

Santo Estêvão da Hungria poderia ser considerado modelo e padroeiro das almas chamadas por Deus para missões de colossal envergadura. Qual foi o segredo para ele obter a radical transformação do seu povo?



Ir. Maria Teresa Ribeiro Matos, EP

Schopenhauer (CC by-sa 3.0)



**M**assacre, fuga ou milagre eram as únicas alternativas que se apresentavam àquelas que ouviam aproximar-se o tropel dos hunos. Esse terrível povo bárbaro conseguira ultrapassar em furor a todas as demais tribos invasoras e pôr em pânico o Império Romano do Oriente e do Ocidente.

À sua frente marchava Átila, homem de baixa estatura, nariz adunco e olhar penetrante, que aglutinava sob seu comando metade do mundo bárbaro. Denominava-se *o flagello de Deus* e o demonstrava por seus atos, reduzindo a total ruína qualquer cidade ou povoado junto aos quais passava, a ponto de afirmarem que a erva não mais crescia onde haviam pisado as patas de seu cavalo.

Strasbourg, Speyer, Worms; Tongres, Reims, Cambrai, Auxerre, Besançon, Langres e Metz experimentaram esse terror, e o mesmo teria acontecido com Troyes, Paris e Roma se não fosse a intervenção de

Deus por meio do Bispo São Lupo, da pastora Santa Genoveva e do Papa São Leão Magno.

Apesar de o império de Átila ter se desfeito após sua morte em 453, sua ferocidade permaneceu nos habitantes da Panônia, oeste da atual Hungria, a ponto de no século IX os cristãos das terras vizinhas incluírem nas orações a súplica: *“A sagittis hungarorum, libera nos Domine – Das flechas dos húngaros, livrai-nos, Senhor”*.

### ***Os ferozes invasores se tornam defensores...***

Avancemos mil anos depois da morte do temível devastador e nos depararemos com os descendentes daquele povo belicoso alçando novamente as armas com ardor. Desta vez, porém, o objetivo não é arrasar a Cristandade, mas defendê-la.

Dócil à pregação de São João de Capistrano, o capitão João Corvino – *Hunyadi János*, na língua local – se encontra no comando das tro-

pas húngaras prestes a travar a memorável Batalha de Belgrado. Frente a ele, o sultão Maomé II, general de um poderoso exército, com o qual pretendia conquistar toda a região. Entretanto, no dia 21 de julho de 1456, vê-se obrigado a retirar-se, deixando para trás centenas de canhões e milhares de mortos.

Alguns dias depois, vencido por uma súbita doença, o valoroso chefe cristão rende sua alma a Deus. Durante as exéquias, o pregador assim o elogia: “Extinguiu-se a luz do mundo. [...] Vencido o inimigo, reinas agora com Deus e triunfas com os Anjos, ó bom João!”<sup>1</sup>

De destruidor a defensor da Cristandade! Como explicar tão prodigiosa transformação nesse aguerrido povo?

Para que ela fosse possível, serviu-se a Providência de um grande rei: Santo Estêvão. Foi ele, nas palavras do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, um “estadista de visão larguíssima e de pulso vigoroso, que soube

iniciar e consolidar a assimilação da civilização europeia pelos magiares ainda bárbaros e pagãos”.<sup>2</sup> Usando do seu poder ao mesmo tempo com suavidade e firmeza, conseguiu vencer “a oposição de seu povo, famoso pelo seu espírito combativo e voluntarioso que, exacerbado pela barbárie, aceitou com dificuldade a disciplina da civilização”.<sup>3</sup>

### ***Dotado de um caráter sério e indomável energia***

No decurso do século X, quinhentos anos antes da Batalha de Belgrado, a dinastia de Árpád governava a Hungria e consolidava suas fronteiras, fazendo com que, após muito tempo de nomadismo, o povo por fim se assentasse.

É nas últimas décadas desse século que o Duque Geza, sob a influência de sua esposa Sarolta e das exortações de Santo Adalberto, recebe o Batismo. Mais de cinco mil de seus súditos seguem seu exemplo. Um amplo campo de conquista abre-se assim para a Santa Igreja, mas o duque não possui o valor necessário para trabalhá-lo... As raízes pagãs dos magiares confundem-se com as igualmente arraigadas tradições familiares e Geza não pretende extirpá-las por completo.

Entretanto, seu filho, o jovem Vaik, que recebera o nome de Estêvão ao ser batizado, pensa de forma diferente. Educado desde a infância sob as luzes da Fé, possui um caráter profundamente sério e uma indomável energia. Desejoso de conduzir seus súditos até Deus, faz da cristianização deles o ideal de sua vida.

Para isso, vê em Gisela, irmã de Henrique da Baviera – futuro Santo e imperador do Sacro Império – uma fiel companheira, que por sua piedade e elevação de espírito poderá ajudá-lo em tão vasta obra.

O Duque Henrique nutria verdadeira amizade por Estêvão e não vê nenhum impedimento em dar-lhe sua irmã como esposa. Porém, Ger-

berga, tia do rei e abadessa do convento de Gandersheim, onde residia a jovem, repugna o projeto de entregar sua sobrinha a um chefe bárbaro recém-convertido, e decide colocar à prova a sinceridade da sua fé.

Sabendo que ele tinha vindo visitar Gisela, a superiora mandou a moça rezar nos jardins do mosteiro. Quando Estêvão chegou, viu-a de costas, num ângulo que ela não percebia sua presença, e não ousou interrompê-la. Em silêncio e de joelhos, aguardou que terminasse o colóquio com o Rei dos reis, e só então se aproximou para saudá-la.

Essa atitude de fé e de respeito, que a abadessa observava de longe, desfez por completo sua oposição ao casamento, o qual ocorreu pouco depois.

### ***Criando as condições para o desabrochar da Fé***

Em 997, com a morte de Geza, Estêvão torna-se chefe dos húngaros. Segundo o costume magiar, é realizada a cerimônia na qual ele brande a espada para os quatro lados, comprometendo-se a defender o país em toda a sua extensão.

Sendo ao mesmo tempo profundo e bondoso, calmo e zeloso, o jovem rei logo se compenetra da dimensão sobrenatural desta promessa e decide não poupar esforços para levar seus súditos à completa conversão. Montado a cavalo, com uma cruz nas mãos, percorre cidades e povoados pregando a verdadeira Fé. Ciente, ademais, de que os corações dos homens são movidos pelo exemplo e pela graça, cobre sua nação de mosteiros, para que a força da vida dos monges e o auxílio de suas orações criem as condições ideais para o pleno desabrochar da Religião.

Por fim, dita um decreto prescrevendo aos chefes, aos guerreiros e a todo o povo o abandono dos cultos antigos e a recepção do Batismo. Ele sabe que isso não se realizará sem dificuldades, mas não se atemo-

riza, estando disposto a empregar os meios necessários para o triunfo de Deus em suas terras.

Assim, reage de imediato ao saber que seu parente Koppány, não se submetendo ao decreto, tomara as armas contra ele, com o pretexto de ter direito ao trono. Reunindo seu exército, Estêvão avança contra os rebeldes. No acampamento, já defronte ao do inimigo, é armado cavaleiro, recebendo a espada que do-ravante haverá de brandir.

“Por Deus, pela Fé!”, são os brados que se ouvem ao ser dado o sinal de ataque. Após duras horas, o enfrentamento se encerra com a morte de Koppány. O jovem rei, que não visava outra coisa senão o bem de seus súditos, concede um generoso perdão a todos os vencidos que aceitem o Batismo.

### ***O Papa reconhece sua obra evangelizadora***

Estabelecido seu reinado sobre rocha firme, nada falta a Estêvão para cingir a coroa real e fazer incluir o seu povo na lista das monarquias europeias. Com a ajuda de seu cunhado Santo Henrique, prepara cuidadosamente uma embaixada para pedir ao Papa a concessão de tal privilégio.

O monge Gerberto, de origem francesa, ocupava o trono de São Pedro com o nome de Silvestre II. Ao escutar a narração dos significativos progressos da Fé na Hungria, não hesita em atender à solicitação, discernindo com clareza o desígnio do Altíssimo que pairava sobre aquelas terras.

“Graças sejam dadas a Deus Pai e a Jesus Cristo Nosso Senhor, que em nossos dias encontrou um novo Davi, o filho de Geza, homem segundo seu coração. Ele fez luzir a seus olhos a divina luz e o suscitou para torná-lo pastor de Israel e chefe do povo húngaro, nação eleita. Só temos elogios a vos fazer pela vossa piedade em relação a Deus e vosso respeitoso devotamento à Cátedra Apostólica,

sobre a qual, apesar de nossa indignidade, estamos sentados. [...] Em consequência, filho muito glorioso, nós vos concedemos de bom grado tudo o que nos pedistes, a nós mesmos e à Sé Apostólica: o diadema e o título de rei, com o poder de erigir a metrópole de Esztergom e dioceses sufragâneas”;<sup>4</sup> diz a carta datada de 27 de março do ano 1000.

Junto com a missiva, o Papa enviava-lhe uma bela cruz e a Santa Coroa, que será para sempre venerada no país. Com esses símbolos, Estêvão e Gisela são coroados em Esztergom no Natal do ano 1000, recebendo o título de Suas Majestades Apostólicas, com o qual Silvestre II equipara a obra de defesa e propagação da Fé por eles empreendida com a gesta evangelizadora dos Apóstolos.

Silvestre II concede também a Estêvão, além de todos os direitos da realeza, os poderes de um legado papal. Esse privilégio será confirmado no século XV pelo Concílio de Constância, e conservado até o fim pelo trono da Hungria.

Sério e consequente, o novo monarca põe-se a organizar e consolidar seu reino. Sabendo não existirem leis mais perfeitas que as escritas pelo próprio Deus, elabora com

esmero as constituições do Estado, tendo por base os Dez Mandamentos.

Nelas estavam bem estabelecidos os direitos e obrigações do clero e da nobreza, a cujas fileiras não podia pertencer quem recusasse abraçar a Fé Católica. Também se encontravam curiosas punições para quem infringisse os preceitos divinos, como esta: se alguém fosse apanhado lavrando a terra no domingo, teria seus bois confiscados e abatidos, e a carne seria distribuída entre os habitantes da aldeia.

### **Modelando segundo a Fé a alma do sucessor**

Estêvão sabia, porém, que mais importante do que registrar essas leis em códices e pergaminhos era formar alguém animado pelo espírito que as inspirara. Com esse intuito, deixou escrito para seu filho, Emeric, um conjunto de prudentes conselhos.

Neles ensinava que o reino perfeito é como um templo com dez colunas: a solidez da fé, o esplendor da Igreja, a pureza e sabedoria dos eclesiásticos, a fidelidade e fortaleza dos barões e cavaleiros, a generosidade com os estrangeiros, a reta administração da justiça, a lúcida organização do conselho, o respeito

às tradições, o auxílio da oração e a piedade e misericórdia.

Recomendava-lhe que tivesse entranhas de mãe para com seus súditos, acrescentando: “Sê paciente com todos, não apenas com os poderosos, mas também com os pequeninos. Sê, enfim, forte para que a prosperidade não te ensoberbeça ou a adversidade não te abata. Sê também humilde para que Deus te eleve agora e no futuro. Sê, ainda, modesto, e a ninguém castigues ou condenes em excesso. Sê manso para não faltares à justiça. Sê fidalgo, de modo a jamais infligir deliberadamente um ultraje a alguém. Sê casto, para evitares, como agulhão da morte, todo o mau cheiro da luxúria. Todas estas coisas ditas acima, reunidas, tecem a coroa real, porque sem ela ninguém consegue reinar aqui nem chegar ao Reino Eterno”.<sup>5</sup>

Esses conselhos caíram em terra fértil. Dotado de rara piedade e elevação de espírito, Emeric assimilara desde muito cedo os bons exemplos de seus pais. Com apenas sete anos fizera o voto de virgindade, e já nessa idade sobressaía em sua alma alguns dons singulares, como o de discernir o grau de fé e de progresso na virtude das pessoas com as quais se encontrava.

Certo dia em que visitava junto com seu pai a abadia de

Reprodução



Schopenhauer (CC-by-sa 3.0)

**No Natal do ano 1000, Santo Estêvão é coroadado em Esztergom com a Santa Coroa, enviada pelo Papa Silvestre II e recebe o título de Majestade Apostólica**

À esquerda, coroação de Santo Estêvão - Bastião dos Pescadores, Budapeste; à direita, espada, coroa e orbe da Hungria - Parlamento Nacional, Budapeste; na página anterior, Santo Estêvão consagrando seu reino à Virgem Maria - Igreja de São Pedro de Alcântara, Budapeste

Pannonhalma, este reparou que o menino saudava os monges de maneira diferenciada. Ao receber da criança a resposta que assim agia devido ao estado de alma de cada um, Santo Estêvão quis comprovar a veracidade dessa intuição sobrenatural. Pôs-se então a andar à noite pelo mosteiro no horário de silêncio e orações, e ao deparar-se com o monge Maurício, que Emeric apontara como de grande virtude, procurou travar com ele uma conversa. O religioso, porém, permaneceu impassível e, terminado o período de silêncio, explicou-lhe: “Eu não podia interromper o serviço do Rei dos Céus para servir a um rei da terra”.

Querendo ver até onde ia a retidão desse monge, Estêvão foi reclamar de sua atitude junto ao superior, que o repreendeu na presença do rei. Maurício ouviu a admoestação de cabeça baixa, aceitando-a com toda a humildade. Cheio de admiração, o soberano se ajoelhou aos pés do religioso, louvou suas virtudes e o nomeou Bispo.

Com razão tinha posto o monarca no seu filho todas as esperanças do reino. Entretanto, os planos de Deus eram outros: poucos dias antes de ser associado ao trono de seu pai, uma morte súbita o levou tendo apenas vinte e três anos...

O santo rei sofreu imensamente com a perda do filho, mas aceitou com resignação a determinação da Providência. Ele tinha certeza de que Emeric poderia fazer muito mais por seu povo no Reino Eterno do que governando durante alguns anos a Hungria.



### A Divina Providência chamou o santo Rei para uma monumental obra evangelizadora

Imagem do altar-mor da Basílica de Santo Estêvão, Budapeste

### O segredo para obter o auxílio do Céu

Aspectos muito diversos compõem a gloriosa auréola da santidade deste rei, mas todos eles confluem na monumental obra evangelizadora para a qual foi chamado pela Divina Providência. E quem analisa seu reinado

considerando as origens pagãs do seu povo, os costumes bárbaros nele profundamente enraizados e a forte tendência a magia, percebe que tão grande transformação não teria sido possível sem um excepcional auxílio do Céu.

Qual foi o segredo para obtê-lo?

Aos nossos olhos, apenas um: poucos dias após sua coroação, Santo Estêvão consagrava o seu reino à Santíssima Virgem, constituindo-a Grande Senhora da Hungria. Assim, nos albores do segundo milênio, quando São Luís Maria Grignion de Montfort estava muito longe de nascer, o bem-aventurado monarca punha todos os seus domínios nas mãos d’Ela, desejando transformá-los num verdadeiro reino de Maria.

Com efeito, a devoção à Mãe de Deus era talvez o ponto mais sensível da alma do soberano. Estampou sua imagem nas moedas, reproduziu-a nos seus estandartes e aos poucos conseguiu imprimi-la no coração de seus súditos. E quando em 1038 entregou sua alma a Deus, no dia da magna festa da Assunção, fê-lo recitando esta amorosa prece: “Grande Senhora, Rainha do Céu, é a Vós que eu dirijo minha última oração e confio os cuidados de minha alma. Tomai sob vossa proteção maternal a Igreja magiar, meu país e meu querido povo!”<sup>6</sup>

Santo Estêvão poderia ser considerado, em suma, modelo e padroeiro das almas muito chamadas, que se deparam com obstáculos colossais para o cumprimento de sua missão e, às vezes, até fracassam. Mas, quando são fiéis, terminam cumprindo sua vocação nos braços de Maria! ✧

<sup>1</sup> JÁNOS THURÓCZY. *Chronica Hungarorum*. In: SCHWANDTNER, Johann Georg (Ed.). *Scriptores rerum Hungaricarum*. Viena: Ioannis Pauli Kraus, 1746, t.I, p.274.

<sup>2</sup> CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Uma reflexão útil

para o século dos *führers* e dos ditadores. In: *Legionário*. São Paulo. Ano XII. N.310 (21 ago. 1938); p.1.

<sup>3</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>4</sup> SILVESTRE II. Lettre à Saint Étienne de Hongrie, apud DARRAS, Joseph-Epi-

phane. *Histoire général de l’Église*. Paris: Louis Vivès, 1876, v.XX, p.367.

<sup>5</sup> SANTO ESTÊVÃO DA HUNGRIA. Dos conselhos a seu filho. In: COMISSÃO EPISCOPAL DE TEXTOS LITÚRGICOS. *Liturgia das Horas*. Petrópolis: Ave-Ma-

ria; Paulinas; Paulus; Vozes, 1999, v.IV, p.1206.

<sup>6</sup> HORN, Émile. *Saint Étienne: Roi Apostolique de Hongrie*. Paris: Victor Lecoffre, 1899, p.188.



Santo Cura d'Ars - Igreja São Germano de Auxerre, Paris

Sergio Hollmann

No púlpito, o Santo Cura d'Ars tonitruava contra o pecado; no confessionário, era o mais paciente e misericordioso dos pais. Sua virtude e espírito de sacrifício obtiveram-lhe a fama e renderam-lhe abundantes frutos de salvação.

## Como conquistar almas para Deus?

Pe. Francisco Teixeira de Araújo, EP



“**Q**uero ser padre a fim de conquistar almas para Deus!”, declarou o jovem João Batista Maria Vianney à sua mãe, tendo apenas dezesete anos. E, na verdade, foi este o escopo de toda a sua existência.

Quantas almas terá ele salvado ao longo de seus quarenta e quatro anos de ministério sacerdotal? Só Deus o sabe. Mas não há dúvida de que foram muitas, a julgar pelo uivo do demônio registrado por um dos seus principais biógrafos: “Roubaste-me mais de oitenta mil almas!”<sup>1</sup>

### *O poder de um pacto feito com Deus*

O Pe. Vianney chegou a Ars no dia 9 de fevereiro de 1818, quando era ainda um lugarejo com cerca de cinquenta casas e duzentos e cinquenta habitantes. Todos ali se diziam católicos, mas estavam longe de viver em função de Deus.

Durante a semana, os homens desperdiçavam seu tempo e os poucos recursos obtidos na faina rural em meia dúzia de tabernas, e para tentar recuperar um pouco do assim dilapidado, trabalhavam aos domingos. Organizavam-se bailes que faziam perder a inocência aos jovens

enquanto, na igreja, tudo se encontrava em situação de descuido e abandono. Aquele templo era a imagem perfeita do estado de alma dos fiéis!

O novo pároco lançou-se desde o primeiro dia à conquista daquelas almas, começando pelo mais essencial: a oração. Pouco depois da meia-noite, dirigiu-se à igreja e, em prantos, fez esta súplica: “Meu Deus, concedei-me a conversão de minha paróquia. Consinto em sofrer quanto quiserdes, durante toda a minha vida... Sim, durante cem anos as dores mais atrozes, contanto que se convertam”.<sup>2</sup>

O Senhor aceitou o pacto proposto pelo santo presbítero e enviou-lhe sofrimentos inenarráveis, aos quais este acrescentava jejuns, flagelações e outros sacrifícios voluntários. Resultado: em dois ou três anos Ars se transformou em modelo de paróquia fervorosa.

### *“Um pastor deve estar sempre de espada em punho”*

Às poderosas armas da oração e do holocausto, juntou ele a da pregação, conforme a recomendação do Apóstolo: “Eu te conjuro em presença de Deus e de Jesus Cristo [...]:



prega a palavra, insiste oportuna e inoportunamente, repreende, ameaça, exorta com toda paciência e empenho de instruir” (II Tim 4, 1-2).

No púlpito e em toda parte, João Maria Vianney não perdia oportunidade de alertar contra as três coisas que mais afastavam seus paroquianos de Deus: o trabalho aos domingos, as bebedeiras nas tabernas e os bailes.

E legou aos seus irmãos no sacerdócio esta advertência que ressoa como um eco da profecia de Ezequiel contra os maus pastores (cf. Ez 34, 1-10): “Desgraçado do padre que permanece mudo vendo Deus ser ultrajado e as almas se extraviarem! [...] Um pastor disposto a cumprir seu dever precisa estar sempre de espada em punho para defender os inocentes e perseguir os pecadores até reconduzi-los a Deus. Se não agir assim, será um mau padre, que perde as almas em vez de levá-las para Deus”.<sup>3</sup>

### **Verdadeiro escravo do confessorário**

Mas o campo no qual o Pe. Vianney mais se sacrificou e mais almas conquistou para Deus foi no do Sacramento da Reconciliação. O mesmo amor ao próximo que o levava a tonitruar no púlpito contra o pecado, transformava-o no mais paciente e misericordioso dos pais, no confessorário.

O bom exemplo de sua santidade pessoal começou por mover o coração dos seus paroquianos ao desejo de uma séria mudança de vida. Aos poucos, sua fama se estendeu aos povoados vizinhos, depois às grandes cidades da região e, por fim, à França inteira. Em consequência, aumentou

na mesma proporção o tempo despendido no confessorário: de cerca de meia hora no início, elevou-se a uma média diária de quinze horas. E isto durante mais de trinta anos!

Com inteira razão, um historiador hodierno qualificou de escravidão esse regime de vida: devorado de zelo pela salvação das almas, João Maria Vianney chegou a passar dezoito horas seguidas nessa pequena caixa de madeira, sufocado a tal ponto pela escassez de ar que mais de uma vez aconteceu-lhe de desmaiar.<sup>4</sup>

Quando chegava à igreja, poucos minutos após a meia-noite, já o aguardava a multidão. A partir de certa altura, foi preciso organizar filas de espera e um serviço de aten-

*Com uma vida marcada por tamanhos sofrimentos e penitências, dir-se-ia que o Santo não podia ser feliz*

dimento: mulheres na capela lateral, homens na sacristia, sacerdotes atrás do altar-mor. Coisa frequente era um penitente sair com o rosto banhado em lágrimas. Pranto de felicidade pela recuperação da inocência!

Detalhe superedificante, confidenciado pelo próprio São João Vianney a um sacerdote que lhe pedia conselho: “Dou-lhes uma penitência pequena e o resto faça-a eu por eles”.<sup>5</sup> Ou

seja, ele impunha ao autor de graves pecados uma pequena parcela da penitência devida e cumpria ele próprio o restante.

### **“Só na cruz está a felicidade”**

Com uma vida marcada por tamanhos sofrimentos e penitências, dir-se-ia que o Santo Cura d’Ars não podia ser feliz; entretanto, o era em sumo grau. Sua serenidade, seu trato afável e sua conversa atraente assim o demonstravam.

A fonte do júbilo interior que constantemente sentia, ele mesmo no-la desvenda: “Fui muito caluniado e objeto de contradições. Ah! Tive muitas cruces; talvez mais do que podia carregar. Pus-me a pedir o amor à cruz e desde então sou feliz! Agora digo: verdadeiramente, só na cruz está a felicidade”.<sup>6</sup>

O Santo Cura d’Ars teve também o consolo de ser muito popular. Durante suas três últimas décadas de vida, uma média de oitenta mil pessoas visitavam por ano aquela insignificante aldeia. E note-se que para chegar até lá existia apenas uma estrada, a duras penas carroçável. Não havia hotéis nem restaurantes: cada um se instalava ou acampava como podia. Muitos dormiam noites seguidas à *la belle étoile*, isto é, tendo por teto o firmamento celeste.

Tantos incômodos para quê? Para “ver Deus num homem”, conforme a famosa expressão de um desses peregrinos. A presença do Altíssimo no coração daquele sacerdote, tão simples na aparência, mas tão superabundante em vida interior, atraía poderosamente as almas e as conquistava para Deus. ✦

<sup>1</sup> MONNIN, Alfred. *Le curé d’Ars. Vie de Jean-Baptiste-Marie Vianney*. Paris: Charles Douniol, 1861, t.I, p.439.

<sup>2</sup> TROCHU, Francis. *O Santo Cura d’Ars*. 3.ed. Contagem: Littera Maciel, 1997, p.93.

<sup>3</sup> SÃO JOÃO BATISTA MARIA VIANNEY. Sur la co-

lère. In: *Sermons*. Paris-Lyon: Victor Lecoffre; Ruban, 1883, t.III, p.352.

<sup>4</sup> Cf. DANIEL-ROPS. *A Igreja das revoluções. I – Diante*

*de novos destinos*. São Paulo: Quadrante, 2003, p.756.

<sup>5</sup> SÃO JOÃO XXIII. *Sacerdotii nostri primordia*, n.53.

<sup>6</sup> TROCHU, op. cit., p.137.

# O mais sublime convívio com Cristo Redentor

Participar do mesmo calvário, beber do mesmo cálice, carregar a mesma cruz: eis a chave do sublime convívio que Nosso Senhor Jesus Cristo veio estabelecer com os homens através da Redenção.



Carolina Amorim Zandoná

**D**eus criou os seres humanos com o instinto de sociabilidade e dispôs que o relacionamento harmonioso com os semelhantes fosse uma das maiores fontes de felicidade para quem está nesta terra.

Ora, quando as pessoas, de *proche en proche*, fazem chegar à sua plenitude esse relacionamento terreno, logo desejam incluir nele os Anjos e, em certo sentido, o próprio Deus. Convivendo familiarmente já neste mundo com aqueles que moram nas alturas celestes, tornam-se participantes das alegrias que os espíritos angélicos gozam na visão beatífica.

## **Cores que representam os matizes do convívio**

Variada, misteriosa e cheia de simbolismo se apresenta a história do convívio entre os homens no Antigo Testamento. Dir-se-ia que, nessa matéria, a humanidade cintilou ao longo dos milênios com cores diversas, semelhantes às das pedras preciosas.

O reencontro de José com seus irmãos no Egito (cf. Gn 45–46) poderia ser imaginado envolto numa linda cor ametista, pois esta pedra espelha com seu brilho suave e sereno as alegrias do trato retomado,

depois de uma longa e dolorosa separação.

A forte, leal e incondicional amizade entre Davi e Jônatas (cf. I Sm 20), não será tão rara e va-



Judite - Igreja São Germano de Auxerre, Paris

*Como não comparar a vigorosa cor vermelha do rubi à heroica coragem de Judite ao defender o seu povo e o Santuário?*

liosa quanto o verde profundo de uma esmeralda?

E como não comparar a vigorosa cor vermelha do rubi à singular perspicácia e heroica coragem de Judite ao decepar a cabeça do chefe dos inimigos de Israel para defender o seu povo e o Santuário de seu Deus? (cf. Jt 8–13).

Seguindo adiante na esteira dessas comparações, caberia perguntar a que se assemelha o límpido fulgor da mais excelente das pedras, o diamante, cujo feérico brilho parece refletir algo do novo e sublime relacionamento que a Sabedoria Eterna quis estabelecer com a humanidade quando “na terra Ela apareceu e com os homens conviveu” (Br 3, 38).

Ao Se encarnar no seio de Maria Santíssima, Nosso Senhor Jesus Cristo inaugurou uma era da História. Ensinou-nos a amar o próximo da forma mais excelsa, santa e perfeita que se possa imaginar, e deu-nos provas superabundantes desse amor ao longo da Paixão.

Conviver suave e harmoniosamente em meio à dor, manter a união no auge da contrariedade, estar disposto a imolar-se pelo outro sem esperar retribuição, eis alguns dos ensinamen-

tos transmitidos pelo Salvador no fim de sua vida pública, como corolário de sua doutrina.

Tal convívio, ao mesmo tempo dulcíssimo e coalhado de sofrimentos, se mostrou mais forte, luminoso e cristalino do que o diamante, atraindo as almas com seu imaculado esplendor.

### ***O indispensável papel do sofrimento***

“Se alguém quiser vir comigo, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-Me. Porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas aquele que tiver sacrificado a sua vida por minha causa, recobrá-la-á” (Mt 16, 24-25). Nesta passagem da Escritura, Nosso Senhor estabelece o sofrimento como elemento necessário para acompanhá-Lo e alcançar sua amizade.

Carregar a cruz significa não apenas estar disposto a aceitar a dor e a contrariedade, mas fazê-lo por amor. Dos que lhe são mais próximos Jesus espera uma intimidade completa, que os leve a discernir seus divinos anseios e desígnios, e a tudo padecer com Ele, por Ele e para Ele.

No entanto, já entre os Apóstolos encontramos diferentes graus de correspondência a esse convite. Ao ouvir o primeiro anúncio da Paixão, São Pedro repreendeu o Mestre, merecendo receber d’Ele esta grave censura: “Vai para longe de mim, satanás! Tu não pensas como Deus, e sim como os homens” (Mc 8, 33).

São João, pelo contrário, teve uma atitude perfeita quando, reclinando-se sobre o peito de Jesus durante a Última Ceia, perguntou-Lhe quem O haveria de trair (cf. Jo 13, 23-25). Mais do que escutar a resposta vinda dos lábios do Redentor, ele procurou auscultar os anseios do Sagrado Coração e amou os insondáveis desígnios de



Aparição de Nosso Senhor a São Francisco de Assis - Igreja de São Roque, Quebec (Canadá)

*Dos que lhe são mais próximos Jesus espera uma intimidade completa que os leve a uma radical disposição de tudo padecer com Ele*

Deus, sem pôr obstáculos a que se consumassem todos os sofrimentos de seu Senhor.

O amor incondicional deste Apóstolo levou-o a, unido a Maria Santíssima, dizer *fiat* à vontade do Padre Eterno e à obra da Redenção, tor-

nando-o digno de estar junto à Cruz de Cristo (cf. Jo 19, 26).

### ***Diversidade de reações em face do sofrimento***

Ora, não só os Apóstolos, mas todos os homens, bons e maus, passam inevitavelmente por esse “divino desafio” de dizer *fiat* aos sofrimentos que ante eles se apresentam neste vale de lágrimas. E também entre nós há diversos modos de reagir em face dessa realidade.

Algumas pessoas, acomodadas à situação em que se encontram, fazem de tudo para evitar qualquer moléstia ou preocupação, preferindo acreditar na triste ilusão de um mundo “perfeito”, sem dificuldades nem angústias. Elas se assemelham a São Pedro quando atraiu sobre si a reprovação do Salvador: “Vai para longe de mim, satanás! Tu não pensas como Deus, e sim como os homens”.

Outras, sedentas de vantagens, gozos medíocres e alegrias passageiras, podem ser contadas entre o grande número dos egoístas que, mesmo sabendo não ser possível desterrar por completo o sofrimento de suas vidas, “se portam como inimigos da Cruz de Cristo, cujo destino é a perdição, cujo deus é o ventre, para quem a própria ignomínia é causa de envaidecimento, e só têm prazer no que é terreno” (Fl 3, 18-19).

Poucos são, infelizmente, os que, diante das inevitáveis aflições desta terra, as enfrentam com serenidade, resignação e alegria.

### ***Homens e mulheres configurados com Cristo***

Deus, porém, não abandona o mundo aos desvarios do pecado, nem deixa de suscitar almas que indiquem à humanidade o caminho da retidão, do desprendimento e da verdadeira caridade. Essas almas são chamadas a, juntamente com Cristo, serem pregadas na Cruz (cf. Gal 2, 19) e abraçarem a dor da forma

como a Providência queira enviá-la, pois o sofrimento as configura com Nosso Senhor de uma maneira perfeitíssima.<sup>1</sup>

Na vida dos Santos encontramos inúmeros fatos que ilustram essa sublime realidade, tantas vezes manifestada no próprio corpo pela presença dos sagrados estigmas e por outros fenômenos sobrenaturais.

Grande exemplo de amor à cruz deu-nos São Francisco de Assis. Varão cheio de Deus, alcançou tão alto grau de união com Cristo que, após um êxtase, mereceu tornar-se fisicamente semelhante ao Crucificado, trazendo em sua carne as chagas de Jesus.<sup>2</sup> Como explica São Boaventura, seu biógrafo e filho espiritual, “assim como ele havia imitado a Cristo nas ações de sua vida, do mesmo modo devia se conformar a Ele nas aflições e dores da Paixão, antes de partir deste mundo”.<sup>3</sup>

O que dizer, então, de Santa Teresa de Jesus, cujo coração era frequentemente transpassado por um Anjo com uma seta incandescente, que a deixa-

*Fixemos nosso  
olhar em quem está  
pregado na Cruz  
e lancemo-nos em  
seus braços, os quais  
nos convidam a  
conviver com Ele*

va abrasada de amor a Deus? A dor causada pela transverberação arrancava-lhe sonoros gemidos e lamentos! No entanto, a paz e consolo por ela sentidos naqueles instantes eram tais que de modo algum desejava evitar ou diminuir esse sofrimento.<sup>4</sup>

Cabe ainda lembrar Santa Gema Galgani, escolhida pela Providência para viver intensamente a glória da cruz. Essa jovem eleita teve também a imensa graça de portar em seu corpo os sagrados estigmas,

como prova do grande amor e predileção que o Redentor e sua Mãe Santíssima nutriam por ela.<sup>5</sup>

***Sigamos o seu exemplo!***

Todos nós, batizados, somos chamados à santidade e, portanto, a padecer por amor a Deus os sofrimentos que Ele queira nos enviar, tendo a certeza de que as forças para enfrentá-los nos virão d’Ele mesmo.

Assim, quando abraçarmos nossa cruz e sentirmos nossa fraqueza clamar dentro de nós, olhemos para além da dureza e negrume do simples lenho. Fixemos nossas vistas em quem nela está pregado e lancemo-nos em seus braços, que nos convidam a conviver com Jesus nesta hora suprema!

E, a seu exemplo, nos momentos mais terríveis busquemos auxílio n’Aquela que não só sofreu e enfrentou com Ele toda a Paixão, mas foi também, por seu amor e fidelidade adamantina, seu máximo consolo, ornando com lágrimas de brilhante o Sacrifício Redentor. ✧

<sup>1</sup> Cf. ROYO MARÍN, OP, Antonio. *Teología de la perfección cristiana*. 4.ed. Madrid: BAC, 1962, p.341.

<sup>2</sup> Cf. SÃO BOAVENTURA. *Vida de San Francisco. Legenda Maior*. Madrid: San Pablo, 2004, p.134.

<sup>4</sup> Cf. AUCLAIR, Marcelle. *La vida de Santa Teresa de Jesús*. 14.ed. Madrid: Palabra, 1982, p.111-113.

<sup>5</sup> Cf. SANTA GEMA GALGANI. Autobiografía. In: *La gloria de la Cruz*. Madrid: BAC, 2002, p.33.

<sup>3</sup> Idem, ibidem.



## **APOSTOLADO DO ORATÓRIO MARIA RAINHA DOS CORAÇÕES**

**RECEBA O ORATÓRIO DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA EM SUA CASA, UM DIA POR MÊS. SEJA TAMBÉM UM COORDENADOR DESTA APOSTOLADO E ORGANIZE A SUA PEREGRINAÇÃO PELAS CASAS DA SUA VIZINHANÇA. É MUITO FÁCIL.**

ENTRE EM CONTACTO CONNOSCO POR:

TEL.: 212 389 596 - FAX.: 212 362 299

AV. DE BERNA, Nº 30 - 2º E 1050-042 - LISBOA

E-MAIL: [oratorio@arautos.pt](mailto:oratorio@arautos.pt)

# Santa Clara se faz religiosa

Conquistada pela pregação de Francisco, a jovem Clara de Assis decide consagrar-se a Deus, enfrentando para isso o ódio do mundo e a oposição da família. Assim narra o episódio um dos mais célebres historiadores da Igreja.

**Pe. René-François Rohrbacher**

**C**lara nasceu em Assis em 1194, de uma nobre família, provavelmente no dia 11 de julho, filha de Favorino, dos Scifi, e de Ortolana, dos Fiume, oriunda de Sterpeto. [...]

Luminosa e ilustre, cresceu na casa de Assis, cercada de conforto. Desde a infância, foi caridosa para com os pobres e aplicada à oração. Conta-se que, não tendo com que contar os Pai-Nossos e as Ave-Marias que rezava, e queria saber quantos diria, lançava mão de pedrinhas. Sob os ricos vestidos, usava o cilício, um rude cilício de pelos bastante ásperos.

Aos quinze anos, era alta e bela, recolhida e silenciosa, de lindos cabelos loiros.

***“Roubar ao mundo mau tão nobre presa”***

Resolveram os pais, um dia, casá-la. Entre os muitos pretendentes, um, especialmente, era do agrado de Favorino e de Ortolana. Falaram, a respeito, com a filha, e muito surpresos fi-

caram com a firme resposta negativa da linda jovem.

Clara não queria ouvir falar de casamento, e, como a mãe entrasse a atormentá-la com perguntas buscando a razão da obstinada negativa, a filha revelou-lhe que se consagrara a Deus e estava firmemente disposta a jamais conhecer homem algum.

Tendo ouvido falar de Francisco, filho de Pedro Bernardone, convertido bruscamente em 1208, e que agora levava vida à imitação de Jesus Cristo, Aquele que nem sequer tinha uma pedra onde pudesse repousar a cabeça, sentira-se tocada. [...]

Francisco já havia ouvido falar de Clara, e resolveu “roubar ao mundo mau tão nobre presa”, como diz a lenda, para com a jovem enriquecer o Divino Mestre. Assim, ele logo se pôs a aconselhá-la, francamente, para que desprezasse o mundo, aquele mundo vão e transitório, para que resistisse aos pais e conservasse o corpo como um templo só para Deus e a não ter outro esposo senão a Nosso Senhor Jesus Cristo.



Reprodução

Santa Clara de Assis -  
Basílica de São Francisco, Assis (Itália)

*Francisco já havia  
ouvido falar de  
Clara, e resolveu  
“roubar ao mundo  
mau tão nobre  
presa”, para dá-la  
ao Divino Mestre*

São Francisco, desde então, tornou-se o guia, o pai espiritual de Santa Clara, que, sentindo-se muito segura de si, ia preparando o terreno para o grande dia, o dia em que se daria totalmente para as coisas de Deus.



### ***O próprio Francisco lhe cortou os cabelos***

O grande dia chegava. A 18 de março de 1212, Domingo de Ramos, de manhã, foi à igreja, com a mãe, as irmãs e as mulheres que habitualmente as acompanhavam. E, enquanto as outras se apressavam a receber os ramos, Clara deixou-se ficar no seu lugar, por modéstia. E o Bispo, descendo do altar, veio oferecer-lhe um ramo, como um preságio da vitória que ia obter sobre o mundo.

Na noite seguinte, preparou a fuga, seguindo a ordem de Francisco. Saiu secretamente de casa. Deixou a cidade e tomou o rumo de Santa Maria dos Anjos, onde os irmãos, que cantavam as Matinas, receberam-na à luz de grandes archotes.

Diante do altar da Rainha das Virgens, Francisco cortou-lhe os cabelos, os “belos cabelos loiros”, e a revestiu com o hábito de penitência. Em seguida, Clara, comovidamente, pronunciou o voto de pobreza e de castidade.

Tudo o que trouxera consigo e era precioso, distribuiu-o aos pobres. E Francisco, também comovido, levou-a imediatamente a um mosteiro de religiosas de São Bento, em São

São Francisco de Assis corta os cabelos de Santa Clara - Mosteiro de Santa Maria, La Rábida (Espanha)

*Clara dirigiu-se secretamente a Santa Maria dos Anjos, onde pronunciou os votos de pobreza e castidade*

Paulo de Assis, onde a deixou. Clara contava, então, dezoito anos.

### ***Irredutível resistência ante promessas e ameaças***

O refúgio da filha de Favorino não tardou a ser descoberto. Tendo fugido de casa por uma porta que vivia quase sempre fechada, chamada *porta da morte*, porque por ali é que saíam os que morriam, Favorino logo deu pela coisa, já que uma pilha de lenha, então contra a porta, fora completamente arredada.

Descoberto, pois, o paradeiro da filha, o pai, com alguns parentes, foi

ter com ela, para trazê-la de volta a casa.

A Clara que Favorino encontrou foi uma Clara absolutamente diversa daquela antiga jovem obediente que conhecia muito bem: resoluta e irredutível agora, de nada valeram, para demovê-la daquela vida nova que pretendia levar, as promessas e as ameaças. Empregaram, então, a violência, mas Clara, desvencilhando-se das mãos do pai, correu para junto do altar da igreja, e ali tirou o véu que lhe cobria a cabeça, a todos mostrando-a raspada, dando a entender que, para todo o sempre, dera solene adeus ao século.

Francisco, como as tentativas de Favorino para recuperar a filha se repetissem, resolveu transferi-la para outro convento, em que a jovem se visse mais resguardada. Foi assim que Santa Clara passou a Santo Ângelo de Panzo, também das beneditinas.

### ***Sua irmã Inês se faz também religiosa***

A cólera de Favorino, quando soube que dezesseis dias depois da fuga de Clara também Inês lhe fugia, para ir ao encontro da irmã, chegou ao auge. Noiva já, com o dia do casamento marcado, eis que, louca, deixara os pais, deixara os seus, a bela casa e as belas relações, para viver como a irmã vivia, longe de tudo e de todos.

Fremente, o pai rogou a Monaldo, tio de seus filhos, que arranjasse muitos homens armados e, a todo custo, trouxesse Inês de volta.

Monaldo, e os homens que reuniu, chegou às portas do convento, fingindo que vinha em paz. Queria somente que as freiras lhe entregassem a jovem que fugira da casa paterna e nada mais. Contudo, conforme a resposta, usariam a força.

As freiras de Santo Ângelo ficaram, diante daqueles homens armados, tomadas do mais vivo pavor, e

prometeram entregar-lhes a moça Inês sem tardança. A filha de Favorino, porém, resistiu: ali estava, viera para ficar e não se iria de forma alguma.

### ***Vencidos pela oração de Santa Clara***

Então, inopinadamente, um dos homens, com um salto, apoderou-se dela, furioso ante as negativas da moça, e pôs-se a esbordoá-la, a despedir-lhe rudes pontapés, entrando a puxá-la pelos cabelos. Não ia de bom aviso? Iria por mal!

Inês, arrastada pelo caminho, prorrompia em brados, chamando a irmã em socorro. Pobre Clara, delicada! Que poderia fazer? Que força opor à bruta força daqueles homens? Somente Deus, que tudo pode, socorreria a boa Inês. E Clara, na sua singela celazinha, toda no ardor da fé, enquanto a irmã, arrastada, de vestes rasgadas, toda esfolada, ia sendo conduzida para Assis, rogou a Deus que viesse, benigno, em auxílio de duas pobres e frágeis mulheres.

Eis senão quando, os robustos homens vitoriosos sentiram que uma força estranha não mais lhes permitia arrastar a levíssima filha de Favorino. Pesada, como se fora de chumbo, não conseguiram, por mais força

que empregassem, puxá-la um centímetro sequer. Debalde, os brutos sacudiram-na, malharam-na, tentaram erguê-la, fazer, enfim, qualquer coisa.

O tio Monaldo, encolerizadíssimo, aproximou-se da sobrinha. Mirou-a, os olhos fuzilando, e, tomado por uma fúria sem par, levantou o braço, o punho enluvado de ferro, para golpeá-la.

Quando foi descê-lo, com toda a força, no rosto da sobrinha, não o conseguiu. Petrificara-se todo, o tio Monaldo. De braço levantado, de punho ameaçador erguido, era bem, todo ele, uma estátua do furor mesclado à surpresa. Que lhe sucedia?

Depois da ardente oração, Clara deixou a cela e desceu. Aproximou-se dos homens, tomou Inês para si, protetoralmente, e o tio, com os

seus, abismados e surpresos, deixaram-nas em paz, indo-se para Assis.

Desde aquele dia, Favorino e a família não mais se intrometeram na vida das duas moças, permitindo-lhes que vivessem a vida que tanto desejavam viver. [...]

### ***Princesas que encontraram sua glória na pobreza***

De Santo Ângelo, Clara passou para São Damiano, a primeira igreja que São Francisco restaurara. Foi ali que, realmente, floresceu a vida de trabalho e de oração, de pobreza e de alegria. O renome de São Damiano correu mundo. E Santa Clara teve a consolação de ver a mãe e muitas outras mulheres da cidade abraçadas às austeridades da penitência.

A comunidade chegou, logo, a contar com dezesseis mulheres, das quais três eram da ilustre família dos Ubalдини, de Florença. Princesas, mesmo, encontraram, ali em São Damiano, mais glória na pobreza de Clara do que na posse dos bens, dos prazeres e das honras deste mundo. ✧

*Extraído de: "Vidas dos Santos".  
São Paulo: Editora das Américas,  
1959, v.XIV, p.346-352 –  
Título e subtítulos:  
Arautos do Evangelho*

*Princesas, mesmo,  
encontraram mais  
glória na pobreza  
de Clara do que  
na posse dos bens,  
dos prazeres e das  
honras deste mundo*



Fotos: Gustavo Kralj

Na Basílica de Santa Clara, em Assis (Itália), são venerados os restos mortais da Santa (esquerda) e o Crucifixo de São Damiano (direita)



Fotos: Renato Recinos

**Guatemala** – Duas mil e trezentas pessoas assistiram à colocação da pedra fundamental da futura igreja dos Arautos. Antes da Santa Missa houve recitação do Santo Rosário e coroação da Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria. A ata do evento foi assinada pelos numerosos sacerdotes concelebrantes.



Fotos: Eric Salas

**Espanha** – Dom Ginés García Beltrán, Bispo de Getafe, presidiu a cerimônia de lançamento da pedra fundamental da igreja dos Arautos na região de Madri. Concelebraram a Santa Missa Dom Salvador Piñero García Calderón, Arcebispo de Ayacucho (Peru), o Pe. Pedro Paulo de Figueiredo, EP, e diversos outros sacerdotes.



Fotos: Ronny Fischer

**México** – Em junho, Dom Carlos Enrique Samaniego López, Bispo Auxiliar da Cidade do México, presidiu a Eucaristia e coroou a Imagem Peregrina durante cerimônia de Primeiro Sábado organizada pelos Arautos na Paróquia da Esperança de Maria na Ressurreição do Senhor, na Capital Federal.





**Ruanda** – Nas fotos, membros do Apostolado do Oratório participando de reunião de formação em Rial (esquerda), e da cerimônia de inauguração da Capela de Nossa Senhora de Kibeho, presidida por Dom Servilien Nzakamwita, Bispo de Byumba (direita).

Fotos: Damascene



**Equador** – Missionários dos Arazos do Evangelho apresentaram o Projeto Futuro e Vida em diversas instituições de ensino do país. À esquerda, palestra no Colégio El Libertador, em Guayaquil; à direita, coroação da Imagem Peregrina no Colégio La Inmaculada, de Quito.

Fotos: Eduardo Corpeño / Jonathan Saavedra



**Polônia** – Acompanhada por um grupo de missionários, a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria percorreu a Polônia entre os dias 31 de maio a 13 junho. Foram visitadas paróquias, residências e instituições de ensino de Czestochowa, Gdansk, Kuklówka (esquerda), Lewiczyn (direita) e Żdźary.

Fotos: Rogério Baidasso



1



2



3



4

Fotos: Nuno Moura

## Procissões em honra aos padroeiros

No início do verão, paróquias, dioceses e municípios de todo o país organizam procissões em honra aos respectivos padroeiros, e os arautos nelas participam com grande alegria. Em Braga comemorou-se a solenidade de São João Batista com uma procissão presidida pelo Arcebispo Primaz, D. Jorge Ortiga, portando uma relíquia do Santo Lenho (foto 2). Já em Guimarães, a imagem de São

Pedro percorreu as ruas da cidade adjacentes à Basílica a ele dedicada (foto 1). Na Cidade da Maia (Porto) houve a tradicional procissão em honra Senhora do Bom Despacho, na qual participaram dezenas de membros do Apostolado do Oratório (foto 3). E na Igreja de Santo Antão, em Évora, a Missa e procissão (foto 4) foram presididas pelo Arcebispo, D. Francisco Senra Coelho.



Fotos: Flávio Grossi

**Brasil** – Na paróquia Nossa Senhora de Fátima, em Santo André, Grande São Paulo, 85 pessoas se consagraram a Jesus pelas mãos de Maria, segundo o método de São Luis Maria Grignion de Monfort. O pároco, Pe. Vanderlei Ribeiro, também se consagrou. O curso preparatório foi ministrado por cooperadores dos Arautos.



## **Descoberta pia batismal na Igreja da Natividade**

Uma pia batismal bizantina do século V ou VI foi achada durante os trabalhos de restauração da Igreja da Natividade, em Belém. Ela estava encoberta por uma mureta e se encontra em excelente estado de conservação. A descoberta surpreendeu os arqueólogos, pelo fato de a igreja ser bem conhecida e nenhum docu-

mento ou registro histórico mencionar sua existência. Segundo *The New York Times*, especialistas internacionais se dirigiram ao local para examiná-la.

A Igreja da Natividade é também notícia porque no dia 2 de julho a UNESCO decidiu retirá-la, juntamente com a rota de peregrinação que leva ao templo, da lista do Patrimônio da Humanidade em perigo. A medida se deve à alta qualidade dos trabalhos de restauração ali realizados. Construída no século IV, a igreja havia sido colocada na lista de lugares em risco no ano de 2012.

## **Tribo etíope se converte à Igreja Católica**

No dia 4 de abril, mais de quatrocentos membros da tribo Gumuz, na Etiópia, receberam os Sacramentos

do Batismo e da Crisma durante uma Celebração Eucarística a céu aberto. A cerimônia foi presidida por Dom Lisane-Christos Matheos Semahun, Eparca de Bahir Dar – Dessie. Todos os batizados se revestiram de vestes brancas para simbolizar que, por meio do Sacramento, estavam limpos do pecado original e libertos da escravidão ao poder das trevas.



Diocese de Catamarca

## **Centenas de crianças se consagram a Nossa Senhora**

Na cidade de Catamarca, Argentina, cerca de mil e setecentas crian-

## **Mártires concepcionistas são beatificadas na Espanha**

“Foi precisamente a aversão a Deus e à Fé cristã que determinou seu martírio. [...] Seus verdugos eram milicianos que, guiados pelo ódio à Igreja Católica, tornaram-se os protagonistas de uma perseguição religiosa geral e sistemática contra as pessoas mais representativas da comunidade católica. [...] As monjas concepcionistas morreram porque eram discípulas de Cristo”.

Com essas palavras o Cardeal Angelo Becciu, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, exortou os fiéis reunidos na Catedral da Almudena, em Madri, para a cerimônia de beatificação das mártires María del Carmen Lacaba Andía e treze companheiras, realizada no dia 22 de junho. As religiosas,



Archimadrid.es

pertencentes à Ordem da Imaculada Conceição, foram expulsas de seus mosteiros e executadas durante a Guerra Civil Espanhola. No assalto ao Convento de São José, em Madri, os criminosos bradavam “Morram as freiras!”

Semanas antes dessa cerimônia, foram entregues no Vaticano os documentos recolhidos durante o processo diocesano para a beatificação de outros cento e trinta mártires mortos entre os anos de 1936 e 1939, na Província de Jaén. Entre eles havia dezessete leigos vinculados à Ação Católica ou à Adoração Noturna ao Santíssimo Sacramento, além de cento e nove sacerdotes. O processo consta de mais de vinte mil páginas.

gas se consagraram ao Imaculado Coração de Maria. O ato aconteceu durante o VI Encontro Diocesano de Crianças, no dia 15 de junho, ante uma imagem da padroeira da região, a *Virgen del Valle*. Como encerramento, houve uma solene Adoração ao Santíssimo Sacramento. A cerimônia foi presidida pelo Bispo de Catamarca, Dom Luis Urbanč, e contou com o auxílio de quase trezentos voluntários.

### **Matriz de Caraguatatuba é elevada a santuário**

Na quinta-feira 13 de junho, a Paróquia Santo Antônio de Caraguatatuba, uma artística igreja de estilo colonial, foi elevada à dignidade de santuário diocesano. O ato aconteceu durante uma Santa Missa presidida por Dom José Carlos Chacorowski, CM, Bispo Diocesano, e concelebrada pelo reitor. O prefeito municipal e grande número de fiéis participaram da Eucaristia.

Na ocasião foram também apresentados os trabalhos de restauração e adequação da igreja, o novo relicário – que vai permitir a veneração permanente de um fragmento ósseo de Santo Antônio – e os vitrais doados por famílias da dioce-

se. Concomitantemente, comemoraram-se os vinte anos da criação da Diocese de Caraguatatuba, erigida em 3 de março de 1999.

A Vila de Santo Antônio de Caraguatatuba começou a se formar por volta do ano 1600. No dia 18 de março de 1967, um desmoronamento atingiu a cidade, ceifando a vida de mais de quinhentas pessoas. A Matriz de Santo Antônio ficou em pé, servindo de refúgio para os sobreviventes.



### **Celebrada no México festa da Virgem do Refúgio**

No dia 4 de julho, a cidade mexicana de Acámbaro comemorou a festa de Nossa Senhora do Refúgio, que conta com uma particularidade: há trinta anos os padeiros da cidade decidiram homenagear a padroeira dando pães de presente aos fiéis. Neste ano eles repartiram mais de cem mil, sobretudo durante a procissão, quando acontece uma “chu-

va” de pães: estes são lançados sobre a multitudinária assistência, para agilizar a distribuição.

Nossa Senhora do Refúgio é reprodução de uma imagem milagrosa, venerada na Itália desde 1690, que chegou ao México em 1719. No ano de 1890, a cidade de Acámbaro foi salva de uma epidemia de cólera por sua intercessão e a partir de então a tomou por padroeira.

### **Abençoada imagem do “samurai de Cristo”**

No dia 29 de junho, foi abençoada e entronizada nos Estados Unidos a primeira imagem do Beato Justo Takayama Ukon exposta para veneração no país. Ela está situada no exterior da Paróquia São Pedro e São Paulo, em Wilmington, Califórnia. Antes da bênção, houve a celebração de uma Missa votiva em honra ao Bem-aventurado.

O Beato Justo, também conhecido como *o samurai de Cristo*, foi desterrado do Japão por causa de sua fé e faleceu nas Filipinas, no ano de 1915. Ele é particularmente venerado pelos cerca de 1,4 milhão de filipinos que moram na Califórnia. A iniciativa da bênção da imagem partiu da Lord Takayama Jubilee Foundation.

## GAUDIUM PRESS

A primeira agência de notícias católicas do Brasil

• Portuguese • Spanish • English

gaudiumpress.org

• Notícias
• Opinião
• Vídeos
• Imagens

Notícias do Brasil e do mundo

Faça sua assinatura gratuitamente em

gaudiumpress.org

- 30 dias com o Papa
- Mundo
- Opinião
- Roma
- Espiritualidade

Registre o nosso número +55 11 988051031

ENVIE UMA MENSAGEM E RECEBA NOTÍCIAS

## ***Fiéis de todo o mundo celebram Corpus Christi***

O dia 20 de junho foi marcado em todo o orbe católico pela solene celebração de Corpus Christi. Neste ano, além de lembrar as tradicionais procissões de Toledo, Madri e outras cidades espanholas, a imprensa católica destacou as comemorações realizadas na Polônia, que reuniram milhões de fiéis em todo o país, e em Minsk, capital da vizinha Bielorrússia.

Nesta cidade, o Metropolita de Minsk e Mogilev, Dom Tadeusz Kondrusiewicz, celebrou a Santa Missa a céu aberto na praça da Igreja da Santíssima Trindade e, a seguir, milhares de fiéis participaram devotamente da procissão pela Avenida da Independência e ruas adjacentes. No percurso até a Catedral da Santa Virgem Maria, foram montados quatro altares, ante os quais se deteve o cortejo para um breve ato de Adoração.

No Brasil cabe destacar o monumental tapete colorido confeccionado em honra ao Santíssimo Sacramento em São Gonçalo, área metropolitana do Rio de Janeiro. Apresentando 236 temas eucarísticos diferentes, ele se estendeu por mais de 1,5 quilômetro ao longo das principais avenidas da cidade. Mais de cinquenta mil pessoas participaram da Eucaristia, celebrada na Matriz de São Gonçalo e considerada a mais concorrida dos últimos anos, além da procissão que a seguiu. Em Curitiba a comemoração litúrgica reuniu mais de cem mil fiéis. A Missa se iniciou às quatorze horas na praça da catedral e, após seu término, a procissão percorreu as ruas mais importantes do centro da capital paranaense.



**Nas fotos, procissões de Corpus Christi realizadas em Gniezno, Polônia (foto 1), Minsk (foto 2), Curitiba (foto 3) e São Gonçalo (foto 4)**

Polish Bishops' Conference

arucidiocesadecuritiba.org.br

Catholic.by

saogoncalo.rj.gov.br



## O poder do perdão

A partir daquele dia, Matilde não foi mais a mesma. O belo gesto de misericórdia da rainha havia feito muito mais para conduzi-la à santidade do que os terríveis apertos de Da. Berengária.



Gabriele Matiello

**N**uma bela manhã de primavera, veio ao mundo a filha de um singelo casal camponês. Deram-lhe por nome Matilde e, enquanto os habitantes da aldeia se rejubilavam na terra por aquele nascimento, no alto do Céu seu Anjo da Guarda dirigia a Nossa Senhora esta bela oração:

— Rogo-Vos, minha Rainha, que me concedais proteger de forma exímia a inocência dessa criança. Que ela logo Vos conheça e Vos sirva. E chegue quanto antes ao cume da santidade para a qual foi chamada.

— Eu te concedo com agrado o que Me pedes, meu zeloso servo — respondeu a Soberana dos Céus — Esta menina passará por dificuldades, mas não demorará a encontrar-se com quem deve ser seu modelo na terra. Ao longo de todo o seu percurso, é preciso que tu a protejas e guies.

Os primeiros meses da existência de Matilde transcorreram numa feli-

cidade completa. Muito cedo, porém, ficou órfã e sua madrinha, Da. Berengária, uma piedosa e rígida senhora, encarregou-se de sua educação.

Tinha já sete anos quando, ao varrer a sala, quebrou o único vaso de flores que havia na casa. Como tomaria a madrinha tamanho desastre? Certamente ficaria furiosa... Era melhor ocultar o acontecido e dizer-lhe, aparentando muita segurança, ter sido um gato o culpado. Ela o vira entrar na casa como um raio e sair, em seguida, pela janela.

Contudo, Da. Berengária não tardou em perceber a fraude e passou-lhe uma tremenda descompostura. Além de estabanaada, tinha sido mentirosa! E este era um vício muito grave!

A pequenina chorou de arrependimento, propondo-se nunca mais faltar à verdade. Todavia, transcorriam-se os anos sem que conseguisse melhorar, e cada vez que a flagravam numa mentira, era corrigida com terrível firmeza. A pobre menina então pensava:

— Minha madrinha tem razão! Sou uma falsária, em quem não se pode confiar!

Amiúde ficava triste e pensativa, lutando para não desanimar...

Ao entardecer do dia anterior à Solenidade da Assunção, escutou o alegre bimbalar dos sinos da matriz chamando os fiéis para as Vésperas Solenes. Encantada, correu para o templo e ficou extasiada com as lindas melodias, a beleza do cerimonial e o perfume do incenso. Chamou-lhe a atenção, sobretudo, a presença de uma dama muito distinta, vestida de ricos brocados de ouro.

Nunca a vira naquela aldeia e ela, entretanto, a fitava com ternura, como se a conhecesse há muito tempo. Em certo momento, chamou-a para conversar:

— Boa tarde, minha pequena, qual é o teu nome?

Matilde, tomada de admiração e respeito, respondeu:

— Boa tarde, minha senhora, eu me chamo Matilde.

— De onde vens?

— Moro naquela casinha que está no alto da montanha. Meus pais eram muito bons, mas já morreram, e agora vivo com minha madrinha, Da. Berengária.

— Pois bem, eu sou a tua rainha e quero que tu sejas minha dama de honra. Vou falar com tua madrinha para que te deixe morar comigo no palácio.

Matilde não podia acreditar... Dava pulos de alegria! Internamente, porém, se punha um problema:

— E quando a rainha perceber que sou uma mentirosa? Começará a gritar-me, como faz Da. Berengária? Ela parece tão bondosa...

Os anos se passaram e a rude camponesa tornou-se uma princesinha, cheia de amor e gratidão por quem com tanta generosidade a acolhera.

Certo dia, foi chamada pela soberana. Queria dar-lhe uma incumbência de suma importância: levar um recado ao comandante de seu exér-

cito, no campo de batalha. Matilde saiu prontamente do palácio, com o envelope na mão. No entanto, tomada pelo medo, não ousou dirigir-se até o lugar determinado. Passou o dia dando voltas pelos arredores, em vez de cumprir sua missão.

Sendo já noite, a rainha a viu retornar e perguntou-lhe se havia feito o que ordenara. Matilde disse que sim, dando até alguns detalhes do suposto encontro... Por medo de ser corrigida, caíra em seu antigo vício, a mentira!

Desta vez, contudo, as consequências eram graves: não tendo recebido instruções do palácio, o general mandara o exército recuar ao raiar da aurora. Corria-se sério risco de que os atacantes, vendo o caminho livre, devastassem o país. Quem sabe se conseguiriam chegar até ao próprio palácio?

Quando a rainha foi informada de que seu comandante, opondo-se às instruções enviadas, estava retirando tropas, mandou-o vir urgentemente à

sua presença e pediu-lhe explicações. Muito confuso, ele apenas balbuciou:

— Perdão, Majestade. Esperávamos ansiosos as vossas ordens para atacar. Como elas não chegaram, tivemos de bater em retirada...

A rainha percebeu o acontecido e mandou chamar Matilde. Recebeu-a com um olhar muito sério, demonstrando seu profundo desgosto, e disse-lhe:

— Minha filha, é verdade que mentiste para mim? É assim que retribuis à Providência por tudo que fez por ti?

Ao ver-se interpelada desta forma por aquela a quem tanto amava, Matilde caiu de joelhos e, chorando, rogou:

— Perdão, minha mãe, se é que ainda posso chamar-vos de mãe...

A rainha não esperava uma reação tão contrita. Comovida, respondeu:

— E por que não poderias chamar-me de mãe? Mesmo que tua falta fosse mais grave, nunca te rejeitaria! Teu humilde pedido de perdão não só restaura meu amor por ti, senão que o faz crescer. Confias na bondade de tua mãe? Estás disposta a, doravante, querê-la ainda mais, como ela também quer mais a ti?

Matilde, arrebatada com a misericordiosa atitude da rainha, respondeu:

— Claro que sim!

— Então, minha filha, vamos diante da imagem do Sagrado Coração de Jesus e rezemos pedindo a graça de que tu nunca mais caias nesse defeito. Supliquemos ao teu Anjo da Guarda que te ajude e faça de ti uma grande santa.

A partir daquele dia, Matilde não foi mais a mesma. Quando sentia soprar em seu interior os ventos de qualquer tentação, lembrava-se do amor da rainha e pedia ajuda ao seu Anjo da Guarda para vencê-la. A misericórdia da soberana havia feito muito mais para conduzi-la à santidade do que os terríveis apertos de Da. Berengária. ✧



**Da. Berengária não tardou em perceber a fraude e passou-lhe uma tremenda descompostura. Além de estabanada, tinha sido mentirosa!**

# OS SANTOS DE CADA DIA

1. **Santo Afonso Maria de Ligório**, Bispo e Doutor da Igreja (†1787 Paganì - Itália).

**São Bernardo Vu Van Duê**, presbítero e mártir (†1838). Sacerdote dominicano decapitado no Vietnã.

2. **Santo Eusébio de Vercelli**, Bispo (†371 Vercelli - Itália).

**São Pedro Julião Eymard**, presbítero (†1868 La Mure - França).

**Santo Estêvão I**, Papa (†257). Para afirmar com clareza que a união batismal com Cristo acontece uma só vez, proibiu que aqueles que quisessem voltar à plena comunhão com a Igreja recebessem o Sacramento pela segunda vez.

3. **Beato Francisco Bandrés Sánchez**, presbítero e mártir (†1936). Religioso salesiano martirizado durante a Guerra Civil Espanhola.

4. **XVIII Domingo do Tempo Comum.**

**São João Maria Vianney**, presbítero (†1859 Ars-sur-Formans - França).

**São Rainério**, Bispo e mártir (†1180). Bispo de Cagli, Itália, morreu apedrejado em Split, Croácia.

5. **Dedicação da Basílica de Santa Maria Maior.**

**Santa Margarida**, viúva (†c. 1395). Após a morte do marido, dedicou-se à oração, à penitência e às obras de caridade em Cessolo, Itália.

6. **Transfiguração do Senhor.**

**Beato Gecelino**, eremita (†c. 1138). Nasceu em Luxemburgo e viveu como anacoreta num bosque, confiando somente em Deus.

7. **São Sisto II, Papa, e companheiros**, mártires (†258 Roma).

**São Caetano de Tiene**, presbítero (†1547 Nápoles - Itália).

**São Miguel de la Mora**, presbítero e mártir (†1927). Fuzilado em Colima, México, durante a perseguição contra a Igreja. Para proclamar seu amor por Maria, quis morrer rezando o Rosário.

8. **São Domingos de Gusmão**, presbítero (†1221 Bolonha - Itália).

**Santa Maria da Cruz MacKillop**, virgem (†1909). Fundadora da Congregação das Irmãs de São José do Sagrado Coração. Faleceu em Sidney, Austrália.



**Santo Eusébio de Vercelli e São Luís, rei de França Igreja de São Pantaleão, Gueberschwihr (França)**

9. **Santa Teresa Benedita da Cruz**, virgem e mártir (†1942 Auschwitz - Polónia). Padroeira da Europa.

**Santa Mariana Cope**, virgem (†1918). Dedicou-se com extrema generosidade ao cuidado dos leprosos na Ilha de Molokai, Havaí.

10. **São Lourenço**, diácono e mártir (†258 Roma).

**Beatos Francisco Drzewiecki e Eduardo Grzymala**, presbíteros e mártires (†1942). Evangelizadores poloneses mortos em Dachau, Alemanha.

11. **XIX Domingo do Tempo Comum.**

**Santa Clara de Assis**, virgem (†1253 Assis - Itália).

**São Gaugerico**, Bispo (†c. 625). Regeu durante trinta e nove anos a Diocese de Cambrai, França.

12. **Santa Joana Francisca de Chantal**, religiosa (†1641 Moulins - França).

**Beato Inocêncio XI**, Papa (†1689). Empreendeu uma grande obra de moralização dos costumes. Impôs severas normas aos Bispos, dando ele próprio exemplo de austeridade.

13. **Santos Ponciano, Papa, e Hipólito**, presbítero, mártires (†c. 236 Sardenha - Itália).

**Beata Gertrudes**, abadesa (†1297). Filha de Santa Isabel da Hungria e consagrada a Deus desde menina, morreu como abadesa de Altenberg, Alemanha.

14. **São Maximiliano Maria Kolbe**, presbítero e mártir (†1941 Auschwitz - Polónia).

**São Facanano**, Bispo e abade (†séc. VI). Fundou em Ross, Irlanda, um mosteiro célebre pelo



ensino das ciências sagradas e humanas.

## 15. Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria.

**Beato Isidoro Bakanja**, mártir (†1909). Jovem congolês convertido ao Cristianismo. Por testemunhar sua fé junto aos companheiros de trabalho, foi violentamente açoitado e morreu em consequência das feridas.

## 16. Santo Estêvão da Hungria, rei (†1038 Székesfehérvár - Hungria).

**São Teodoro**, Bispo (†séc. IV). Seguindo o exemplo de Santo Ambrósio, defendeu a Fé Católica contra o arianismo, na sua Diocese de Valais, Suíça.

## 17. Santa Beatriz da Silva, virgem e fundadora (†1492 Toledo - Espanha). Nascida em Campo Maior, Portugal, fundou em 1489 a Ordem da Imaculada Conceição de Nossa Senhora ou Concepcionistas.

## 18. XX Domingo do Tempo Comum.

**Santo Alberto Hurtado Cruçaga**, presbítero (†1952). Sacerdote jesuíta que fundou, em Santiago do Chile, o Lar de Cristo.

## 19. São João Eudes, presbítero (†1680 Caen - França).

**Beatos Luís Flores e Pedro de Zúñiga**, presbíteros, e **companheiros**, mártires (†1622). Foram presos, torturados e martirizados ao desembarcarem no porto de Nagasaki, Japão.

## 20. São Bernardo de Claraval, abade e Doutor da Igreja (†1153 Langres - França).

**São Filiberto**, abade (†c. 684). Fundou e dirigiu as abadias de Jumièges e Noirmoutier, na França.



**Santa Rosa de Lima com o Menino Jesus - Coleção particular**

## 21. São Pio X, Papa (†1914 Roma).

**São Bernardo de Alzira** e suas irmãs, **Maria e Graça**, mártires (†c. 1180). Muçulmano de grande prestígio na corte de Valência, fez-se monge cisterciense e foi martirizado junto com suas duas irmãs.

## 22. Nossa Senhora Rainha.

**São Filipe Benício**, presbítero (†1285). Grande impulsionador da Ordem dos Servitas, considerava Cristo crucificado seu único livro.

## 23. Santa Rosa de Lima, virgem (†1617 Lima - Peru).

**Beato João Maria da Cruz**, presbítero e mártir (†1936). Foi preso durante a Guerra Civil Espanhola e morto após um mês de fecundo apostolado no cárcere.

## 24. São Bartolomeu, Apóstolo.

**Santa Maria Micaela do Santíssimo Sacramento**, virgem (†1865). Fundou a Congregação das Adoradoras Escravas

do Santíssimo Sacramento e da Caridade.

## 25. XXI Domingo do Tempo Comum.

**São Luís**, rei de França (†1270 Túnis - Tunísia).

**São José de Calasanz**, presbítero (†1648 Roma).

**Santo Arédio**, abade (†591). Fundou o mosteiro de Attane, perto de Limoges, França.

## 26. Santa Teresa de Jesus Jornet Ibars, virgem (†1897). Religiosa espanhola, fundou o Instituto das Irmãs das Anciãs Desamparados.

## 27. Santa Mônica (†387 Óstia - Itália).

**São David Lewis**, presbítero e mártir (†1679). Sacerdote jesuíta condenado à forca no País de Gales, onde administrou clandestinamente os Sacramentos durante mais de trinta anos.

## 28. Santo Agostinho, Bispo e Doutor da Igreja (†430 Hipona - Argélia).

**São Junípero Serra**, presbítero (†1784). Religioso franciscano, fundou missões que deram origem a cidades como Los Angeles, São Francisco e San Diego.

## 29. Martírio de São João Batista.

**Beato Edmundo Inácio Rice**, religioso (†1844). Fundou na Irlanda a Congregação dos Irmãos Cristãos e a dos Irmãos da Apresentação.

## 30. São Bonônio, abade (†1026). Seguiu a vida eremítica no Egito e no Monte Sinai. Ao retornar à Itália, foi nomeado abade de Lucédio.

## 31. Santo Aidano, Bispo (†651). Erigiu o famoso mosteiro de Lindisfarne, Inglaterra.

# Um palácio nascido no lodaçal

O Castelo de Chantilly foi construído muitos séculos atrás, sobre um penhasco rodeado de solo pantanoso. Quem se lembra disto, porém, ao considerar o esplendor de tão magnífica obra e a riqueza de sua intrincada história?

Ir. Leticia Gonçalves de Sousa, EP



**P**or ser a primogênita da Igreja, a França outorga aos seus filhos o dom de marcar com uma nota de maravilhoso as obras mais características por eles engendradas. Nelas se percebe uma síntese de charme e grandeza, que remete ao sobrenatural e raramente se encontra nos outros povos.

Assim se comprova ao percorrer sua rica culinária tradicional, composta de pratos lendários como o pato à laranja, a sopa *bouillabaisse* ou o crepe *suzette*. Também nas porcelanas, tecidos, cristais ou licores produzidos nesse país, nota-se esse singular talento. Nada, porém, reflete tanto a harmônica conjugação entre magnificência e delicadeza, entre o terreno e o eterno, que distingue o povo francês, como seus suntuosos e encantadores *châteaux*.

O de Chantilly, por exemplo, parece transportar quem o contempla a um conto de fadas! Ou, talvez seja melhor dizer, às moradas dos Santos no Paraíso Celeste.

Edificado no século IX, sofreu sucessivas remodelações de acordo com o estilo de cada período histórico e os gostos das famílias que o possuíram. Aos Bouteiller, que erigiram a primigênia fortaleza protegida por sete torres, seguiram os Orgemont, e a estes a célebre estirpe dos Montmorency. Foram eles que transformaram em palácio renascentista o antigo castelo medieval.

Especialmente marcado ficou Chantilly pela presença de Luís II de Bourbon-Condé, o Grande Condé. A ele se deve o feérico parque que o rodeia, projetado por André Le Nôtre, talvez o melhor paisagista de todos os tempos. Tão fastuo-



so chegou a ser à época esse castelo, que o Grande Condé recebeu de Luís XIV a recomendação de não embelezar mais, para evitar que fizesse sombra aos palácios da casa real. O Louvre, Fontainebleau, as Tulherias e o ainda incipiente Versailles corriam risco de ter seu brilho ofuscado pelo possante esplendor de Chantilly.

Mais tarde, o célebre arquiteto Jules Hardouin-Mansart restaurou o interior do prédio e redesenhou sua fachada. Acrescentaram-se no século XVIII as Grandes Cavalariças e o *Château d'Enghien*, e, após ter sido quase inteiramente destruído durante a Revolução Francesa, o conjunto foi refeito por Henrique de Orléans, Duque de Aumale.



Acima, o Castelo de Chantilly visto do Jardim Inglês (foto 1) e da esplanada de entrada ao parque (foto 2); embaixo, Câmara do Príncipe de Condé (foto 3), Sala dos Cervos (foto 4) e “La rotonde”, onde se exibem alguns dos principais quadros da Pinacoteca (foto 5)

Para quem hoje se aproxima do castelo, chamam especial atenção as torres redondas e fortes, vestígio da antiga fortaleza. Elas o prendem solidamente ao chão, sem fazê-lo perder a elegância, e seu reflexo no espelho d'água que circunda o edifício reforça a sensação de se estar ante uma obra mais celestial do que terrena.

Impressiona, sobretudo, saber que os alicerces de Chantilly foram construídos sobre um pequeno penhasco rodeado de solo pantanoso. Isto é, tamanha maravilha surgiu no meio do lodaçal! Porém, quem se lembra desta circunstância

ao considerar o esplendor da magnífica obra e a riqueza de sua intrincada história?

Se analisarmos as almas ao nosso redor, não deixaremos de encontrar algumas cuja vida poderia ser simbolizada pelo Castelo de Chantilly. Sobre um pedaço de rocha às vezes muito pequeno, cercado por terreno lamacento, esforçaram-se em construir um sólido edifício. Nos tempos de bonança ele cresceu em tamanho e beleza, mas não faltaram épocas de tragédia, que ameaçaram destruí-lo até os alicerces.

Ora, essas almas sempre confiaram no infalível auxílio divino e isso

as fez atravessar incólumes todas as crises e tormentas. Parecem ter regido sua existência pela máxima tantas vezes repetida por Santa Maravilhas de Jesus: “*Si tú Le dejas...*”

Se O deixarmos agir, Jesus fará de nós grandes santos. Sobre quem n'Ele confia poderão soprar furacões, rugir terremotos ou cair as destrutivas bombas de uma guerra. Desde que nos mantenhamos fiéis a Ele e nos abandonemos nas mãos de sua Mãe Santíssima, o Espírito fará em nós obras extraordinárias, como extraordinária é essa joia da Cristandade que acabamos de considerar! ✨



Assunção de Maria  
Catedral de Milão (Itália)

## **Levada em corpo e alma aos Céus**

**A** festa de todos os gáudios e todas as alegrias, a festa do dia em que Nossa Senhora, ressurecta, foi levada aos Céus em corpo e alma, terá sido a maior celebração realizada no Paraíso, depois dos esplendores retumbantes da Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Maria Santíssima, a obra-prima da mera criação ocupará seu lugar ao lado do trono de seu Divino Filho. Pode-se imaginar que, nesse instante, todas as gloriosas perfeições da

Mãe de Deus brilharam de modo ímpar: a bondade imensurável, a suavidade, a soberania, o domínio, o atrativo, a virginal firmeza, tudo se manifestou de maneira fulgurante, misteriosamente reluzindo e se acentuando, acentuando-se e reluzindo, para maravilhamento dos Anjos e dos Bem-aventurados que então A contemplavam na eternidade...

Plínio Corrêa de Oliveira